

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

LIMA, Nair Jane de Castro. Nair Jane de Castro Lima (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 22min).

**Nair Jane de Castro Lima
(depoimento, 2017)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Louisa Acciari; Paulo Roberto Ribeiro Fontes; Tatiane de Oliveira Pinto;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 24/08/2017

Duração: 2h 22min

Arquivo digital - áudio: 2;

Entrevista realizada como parte integrante de projeto pessoal de pesquisador do CPDOC, dentro de suas atribuições profissionais.

Temas: Brasília; Central Única dos Trabalhadores; Constituição federal (1988); Direitos trabalhistas; Diretas já (1984); Educação; Família; Feminismo; Infância; Maranhão; Minas Gerais; Partido dos Trabalhadores - PT; Racismo; Regime militar; Religião; Rio de Janeiro (cidade); Sindicatos de trabalhadores;

Sumário

Entrevista: 24/08/2017 Infância no Maranhão e migração para Minas Gerais; a ida para um orfanato diante das condições financeiras familiares; a adoção por uma família para trabalhar como babá aos nove anos; o trabalho por residência e alimentação, sem salário; o diálogo com outras empregadas domésticas; o acesso à educação escolar e ao ensino religioso através da Juventude Operária Católica (JOC); o trabalho como catequista; os primeiros debates políticos acerca dos direitos trabalhistas; seu primeiro trabalho assalariado; as viagens internacionais à trabalho; a Associação Profissional de Empregadas Domésticas do Rio de Janeiro; a atuação como presidente da Associação; a luta das domésticas no contexto do regime militar; introdução de debates sobre questões feministas e raciais na associação; a transformação da associação para sindicato em 1988; a fundação da Confederação Latino Americana e do Caribe de Empregadas Domésticas em 1988; idas à Brasília como representante de categoria; formas de organização e mobilização do sindicato; a atuação na criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT); a participação das domésticas nas “Diretas Já”; a Constituição de 1988 e os direitos das empregadas domésticas; a contradição entre os direitos na constituição e a efetivação dos mesmos.

Entrevista: 24/08/2017

Paulo Fontes – Boa tarde, dia 24 de agosto de 2017. Nós estamos na sede do CPDOC aqui na Fundação Getúlio Vargas. Faremos uma entrevista com a dona Nair Jane. Os entrevistadores, somos eu, Louisa Acciari e Tatiana Oliveira Pinto. Vamos começar, gostaria que a senhora falasse seu nome completo, quando a senhora nasceu, onde a senhora nasceu.

Nair Jane - Boa tarde, obrigada pelo convite. Meu nome é Nair Jane de Castro Lima, eu sou da cidade de Imperatriz, no Maranhão. Me registaram lá em São Luiz, mas eu não sou de São Luiz, sou de Imperatriz e nasci há 85 anos atrás, ou seja, quinze do quatro de mil novecentos e trinta e dois. Estou aí.

P.F.- O que os pais da senhora faziam lá em Imperatriz?

N.J. - Meu pai era empregado de uma fazenda, e eu me lembro que na minha infância, quando eu vejo todo mundo dizer que não se lembra do que aconteceu na infância, eu me lembro. Eu tinha cinco anos, eu saía de madrugada com meu pai, para candiar¹ boi. Meu pai andava com uma carroça e eu ia na frente candiando os bois. Isso acho que foi até os seis, seis e meio. Aí ele foi trabalhar em uma estrada de ferragem, como é, de trem?

P.F. - Estrada de ferro

N.J. - É, estrada de ferro, e a gente passou a viver que nem nômade, que nem ciganos. A gente passava um tempo em um lugar, um tempo em outro. Eu sou oriunda de uma família em que eu tinha 16 irmãs e 1 irmão. E tem alguns de cada estado desse país, nós não somos todos do Maranhão. Do Maranhão acho que tem umas três. Depois veio São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro... Minas Gerais foi o lugar em que a gente ficou mais tempo. E na época em que eu nasci, tinha uma história aí de que as famílias paupérrimas, como era a minha, e não tinha condição de educar toda aquela criançada, então começava a distribuir. Eu fui numa leva dessas. Fui parar lá em Minas Gerais, lá em São José de Além Paraíba, e lá eu fui para um orfanato. Nessa altura eu estava com quase nove anos, ainda não tinha nove. E lá eu conheci uma... foi uma família visitar o orfanato, que ia sempre, que as pessoas vão doar coisas, né. E eu sempre gostei muito de crianças como eu, porque na época eu era criança. E eu fui e comecei a brincar com as crianças que ela levou, os dois filhos dela, e as crianças na hora de ir embora queriam me levar. Então a superiora falou que não podia, que eu tinha que ficar lá. E ela

¹ Ato de conduzir carros de bois, (guiar carroça de bois), muito comum no interior do país nos estados de Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo e Minas Gerais.

perguntou o que ela podia fazer. Ela disse assim: “ah, para levar tem que por numa escola, porque aqui estuda”. E aí a minha primeira patroa como empregada doméstica me registrou na Escola Luiza de Castro, na Tijuca, e eu vim trabalhar aqui. Eu tomava conta daquelas duas crianças. Eu tinha nove anos, a menina tinha seis e o menino cinco. Eles estudavam numa escola que não era muito distante da minha, então eu os levava de manhã, colocava na escola e ia para minha. Quando minha aula terminava, eu voltava, pegava-os na escola e as vezes ainda brincava com as outras crianças lá do colégio deles, quando a aula ainda não havia terminado.

P.F. - E isso a Sra. tinha nove anos?

N.J. - Nove anos. Eu usava um banquinho para fazer o mingau das crianças, porque eu não conseguia alcançar o fogão, que era alto. Isso era na Tijuca. E ali eu trabalhei 11 anos por casa e comida. E roupa como não tinha ninguém que a roupa me servisse, eu ganhava comprada mesmo. Não era usada, não. E eu digo para todo mundo: tudo que eu aprendi na vida aprendi naquela casa. Eu estudei, aprendi a fazer arte culinária em uma organização chamada SAPS, ali na Praça da Bandeira, aprendi a fazer doces, aprendi fazer tudo que era quitutes de trabalho doméstico. Mas eu não fazia nada disso, eu cuidava só daqueles dois. E eles foram crescendo...

P.F. - Mas me deixa entender uma coisa antes. Explica melhor como que a sra. foi parar nesse orfanato, porque eu não entendi direito...

N.J. - Eu não tô dizendo? Me levaram para lá.

P.F. - Por que o pai e a mãe da Sra. não tinham condições de cuidar da Sra?

N.J. - De cuidar nem de mim nem daqueles dezesseis que ficaram lá.

P.F. - E a Sra. nunca mais teve contato com a sua família?

N.J. - Não, depois minha mãe morreu picada por uma aranha caranguejeira.

P.F. - Em Minas Gerais?

N.J. - Isso. Meu pai não sei como morreu, mas sei que morreu.

P.F. - Naquela época mesmo ou depois?

N.J. - Não, algum tempo depois. E os meus irmãos, aí sim, eu não tive contato com ninguém. Eu sei que tem alguém que foi para os EUA, tem alguém que ficou em Minas Gerais, tem alguém que foi para São Paulo. Mas eu nunca mais tive contato com eles...Me isolaram.

P.F. - E os outros irmãos também foram para outros orfanatos? Eles foram meio que distribuídos?

N.J. - Também. Para outros orfanatos ou para outras famílias...

Tatiane Oliveira - Todos foram?

N.J. - Todos. E a única coisa que eu me recordo é que diz que a minha mãe, ela ia pegar água no rio e uma aranha caranguejeira picou e aí ela morreu de gangrena daquela aranha.

P.F. - Certo...

N.J. - É, bom, o meu contato com família biológica acabou ali.

P.F. - E apareceu essa família que era do Rio de Janeiro?

N.J. - Apareceu essa família que era do Rio de Janeiro, da Tijuca. E era uma família misturada com pessoal do Rio Grande, da Alemanha e brasileiros aqui do Rio de Janeiro.

P.F. - A Sra. lembra o que o pai e a mãe dessa família faziam?

N.J. - A minha patroa era fonoaudióloga e o meu patrão era... trabalhava no... numa coisa do governo. Não sei em que ele trabalhava.

P.F. - Isso era no governo do Getúlio, na época?

N.J. - Não era Getúlio, não... ah, era Getúlio mesmo. No dia que Getúlio morreu eu estava indo para escola, quando alguém gritou para mim: “Volta, que o Getúlio se matou”. E eu voltei para o trabalho. Fui pegar as crianças e voltei. E...

P.F. - Como eram os nomes deles, a Sra. lembra? Esses primeiros patrões?

N.J. - Roberto Bastos e Glorinha Beuttenmüller. Ela era fonoaudióloga. Eu tenho a impressão de que ela morreu², porque eu já estou com 85 anos, e na época ela não saía dos 33. E quando eu fui para outra casa, um emprego que ela me arranjou, porque eu não queria mais ficar lá, as crianças haviam crescido, e aí eu disse para ela: “eu sou pai e mãe dessas crianças aqui, porque o Antônio Frederico foi para Petrópolis, estudar no Colégio São José – eu ia levar, ia buscar e participava das reuniões, então nesses livros lá não tinha a assinatura dos Beuttenmüller não, só tinha a minha assinatura. A Vânia Maria foi estudar no Lafayette, a mesma coisa, eu que ia para as reuniões. Então eles cresceram. Então eu falei: “Eu vou me embora”. Ela disse assim: “Não, você pode ficar e dirigir a casa”. Eu digo: “Com essa cozinheira que você tem?”. Ela tinha uma cozinheira, que tinha ido para a casa dela na noite que ela casou, e essa cozinheira olhava assim... Já estava velha... então eles queriam contratar uma emprega, se a cozinheira dissesse assim: “Ah, essa não serve”, não serve mesmo, não servia. Eu dizia: “Ela vai me jogar uma panela fervendo na cabeça e eu não quero... não quero briga com a Totonha”. Ela disse:

² Glorinha Beuttenmüller, está viva e tem 94 anos.

“Tá bom, então vou te ajudar”. Aí a Vânia Maria já tinha 17 anos, e o Antônio Frederico tinha 16, e eu fui para Copacabana...

P.F. - Mas antes da Sra. ir para Copacabana... eu falei que ia ser chato e ia sempre voltar para trás... Conta um pouco mais, a Sra. passou na verdade sua infância e sua adolescência cuidando dessas crianças. E como era o cotidiano do seu trabalho? A Sra. acordava, conta assim... um dia normal de trabalho, como era?

N.J. - Era um quarto onde tinham 3 camas. A cama da Vânia era aqui, a do Antônio Frederico era aqui e a minha era no meio. Porque ainda tinha uma coisa de uma briga, né. Que os dois brigavam porque um queria ficar mais junto. Como era tudo criança, eu só tinha nove anos, a gente ficava. Eu contava história de noite, contava história do colégio - mas aquelas crianças ficaram comigo, eu fiquei o tempo todo. Eu fui crescendo, terminei o primário, fiz admissão? Acho que fiz... e depois parei no Ginásio. E fui para... acoitei um fato aí. O Antônio Frederico tinha a avó, e a gente morava na casa dela, dos avós. Eles tinham uma casa grande, ali na rua Guapiara, que a única casa que tinha babá era a deles, e um prédio do lado. Tinha uma criançada na rua, e a gente reunia aquela criançada na casa dela. Um dia ela disse para a minha patroa: “Olha só, essa babá que você arranjou aí é maluca. Ela traz todas essas crianças para cá, eles ficam estudando e ela faz lanche para todo mundo”. Tinha uma mesa enorme de cimento, e a gente ficava ali. Eu só cuidava das crianças. Isso eu vou dizer. Quando eu vejo muitas colegas falarem dos patrões, eu digo: “Olhe, tudo que eu sou aprendi naquela casa e eu só cuidava das crianças, eu não lavava nem a minha roupa”.

Louisa Acciari - Nair, desculpa, em que momento você tinha tempo de estudar?

N.J. - Então, eu levava as crianças para o colégio, colocava eles no colégio deles que era ali no Braga Carneiro e ia para o meu, que era ali no Luiza de Castro. Quando a minha aula terminava, eu voltava e pegava eles e trazia para a casa. Eu estudava quase que no mesmo horário, e no sábado, quando meu patrão ia pegar - ele fazia de professor, corrigindo os deveres - ele corrigia o meu também. Então eu digo, tudo que eu aprendi eu devo a eles. E essa mãe dela, que era Dona Laura, ela me matriculava em tudo o que era cursinho... de aprender bordado, de tricô... E como eles eram católicos, como eu... Na hora que eu nem sabia o que era muito, mas fui fazer catequese, entrei para a Juventude Operária Católica (JOC). Eu não tinha dinheiro, mas eu tinha tempo para fazer essas coisas. Dinheiro não tinha. Quando eu ia para um cinema, eu recebia o dinheiro do cinema. Só isto. Quando eu queria roupa eles me levavam na loja, e escolhia a roupa. Só isso. E eu vivia uniformizada...

P.F. - Tinham outras empregadas domésticas. Uma cozinheira e quem mais? Tinha mais?

N.J. - Tinha a cozinheira, a lavadeira - que lavava a roupa e passava a roupa de todo mundo, inclusive de todos os empregados. E nessa casa tem uma coisa que eu não conheço em nenhuma outra casa aqui. Embaixo – hoje eu não sei como é porque tem muito tempo que não vou lá – embaixo tinha um lado assim, que tinham quartos de todos os empregados, como é nos Estados Unidos. Então cada pessoa tinha o seu quarto. Eu tinha o meu quarto lá em cima, mas tinha o meu quarto ali em baixo. Que quando eu cresci, eu gostava de passear de noite, não é? Eu botava as crianças para dormir e ia embora. E quando eu voltava para não acordar ninguém, eu dormia naquele quarto ali. Então eu tinha dois quartos. Então tinha: cozinheira, a lavadeira não – a lavadeira ia e vinha, a copeira e arrumadeira, e uma faxineira, que ficava mais tempo em casa porque a casa era muito grande. E todo mundo almoçava e jantava em casa. Não tinha essa de almoçar na rua. Saíam para o trabalho, mas na hora do almoço estavam em casa, e a noite também. E a minha patroa era muito *society*³ né. Ela recebia muitas pessoas, principalmente poetas, declamadores, então tinham muitas festas. E eu me lembro que a gente fez uma festa de aniversário para ela, e foi minha primeira experiência de fazer docinhos. Eu me lembro que tinha uma cesta, cheia de rosas amarelas que ela gostava, mas as rosas eram docinhos. E ela em cima e nós trabalhando embaixo e ela não desconfiou que a gente estava fazendo uma festa para ela. E nós convidamos todos os amigos da época, que eu não me recordo – isso eu não me recordo mesmo mais os nomes, mas era muita gente. E a gente convidou todo mundo ali. A escultora que fez a mão do Cristo Redentor... era Margarida não-sei-de-que... e nós convidamos. E de noite a gente disse para ela: “A senhora por favor, vê se a Sra. põe uma roupa que alguém vai chegar aqui”. Ela disse: “Como?”, e eu disse para ela: “Não tem nada, não”. E quando ela chegou na sala, que a sala era um jardim, a filha no piano, e os amigos todos ali. Ela ficou muito emocionada e falou: “De quem foi essa ideia?”. Foi da mãe dela. A mãe dela era muito amiga e o que a gente pedia, ela realmente atendia. O pai não era muito coisa não, mas também deixava a gente fazer.

P.F. - Eles eram ricos, na opinião da Sra.?

N.J. - Na minha opinião eram ricos, porque eles tinham todos os empregados. Eu não sei... eu sei que eu não ganhava dinheiro, a Totonha também acho que não, mas a copeira ganhava...

P.F. - E a faxineira?

³ Ela se referiu a *socialite*, termo utilizado para pessoas de proeminência nas camadas mais altas da sociedade.

N.J. - E a lavadeira e a passadeira também. Porque eu sei que ninguém ia embora. Então na época em que as crianças cresceram e eu disse: “Não vou mais ficar aqui”, ela disse: “Então você dirige a casa”, eu disse : “Não vou por causa da Totonha” ela disse: “Ah, então eu ajudo você a arrumar um emprego”.

P.F. - Esse tipo de arranjo, de trabalhar em troca de um lugar para dormir...

N.J. - Na minha época era comum. Lá, aquelas empregadas vieram todas jovens. Era tudo assim. Ia lá na roça, dizia: “Ah, eu levo, deixo estudar, e trabalhar”

P.F. - Como a Sra. sabe que era tudo assim? A Sra. convivia com essas conhecidas?

N.J. - Convivia. Então, a velha não reclamava d’eu trazer as crianças dos outros? Então. O médico da família tinha 5 filhas e só tinha uma empregada, então eu levava as crianças dela para brincar lá com as crianças que eu tomava conta.

P.F. - Certo. Ai a empregada ia junto e a Sra. ficava conversando com ela...[risos]

N.J. - E ela, a outra do lado, a outra de lá e na quinta feira quando a gente ia para o cinema. O cinema de antigamente tinha aquelas sessões de episódios, não é? E a gente ia. “Ah, quinta feira tem o Zorro, tem a Branca de Neve”, e a gente ia para o cinema na Praça Saens Peña. A gente conhecia todo mundo. Naquela rua ali todo mundo conhecia. Olha, eu briguei na praça com uma menina, quando eu cheguei em casa minha patroa disse: “Mas que negócio é esse? Você está pensando que você é o que? Não tem que brigar com ninguém”. Eu falei: “Como é que você sabe?”. Alguém já tinha ligado para ela, para dizer que eu tinha brigado lá. E então a gente se tornava uma família. Eu fiz uma besteira. Eu falei para um candidato lá, eu não tinha ainda 18 anos, falei: “Olha, põe meu título de 18 anos porque eu estou cansada de ir para o México, entrando no avião aqui com essas duas crianças, entrega ao comissário de bordo, e chegando lá no México encontrando outros para tomar conta de mim. Eu não quero mais isso” “Você vai fazer 18 anos mês que vem, então a gente faz”. Eu ia viajar com as crianças, porque ela não queria viajar, e as crianças queriam ir. Eles tinham uma casa em Itacuruça que era um navio, chamava Itaí. Era uma casa linda, mas toda ela completa de náuticos. E eu ficava lá naquela casa, e eles tinham dois caseiros. Tinha um rapaz que ele era para passear com a gente de barco. A gente fazia uma cesta de sanduíche, entrava no barco de manhã, rodava aquela restinga da Marambaia o dia inteiro com as crianças. Voltava. Quando chegava de volta que eles viram alguém perguntou assim para ela: “Glorinha, o que você fez com essas crianças que tão o Tição?” [risos]. Ela dizia assim: “Pergunta a essa maluca, que quando chega lá em

Itacuruça ela não fica dentro de casa. Vai embora para o mar a dentro”. E era assim, minha vida foi assim viu.

P.F. - Então a relação dela com a sra...

N.J. - Não era de empregada.

P.F. - Tinha um carinho, digamos assim... um afeto?

N.J. - Com a família toda. Eu digo, tudo o que eu aprendi, eu aprendi lá. Me formei catequista, quase fui professora, comecei a estudar no normal, fui embora para México, deixei...

P.F. - O que a sra. foi fazer no México?

N.J. - Eu ia com as crianças, eles tinham parentes lá, na Cidade do México. Ia para lá, passeava, ficava lá 4, 5 meses. Todas as férias das crianças, quando a gente não ia para Itacuruça, a gente ia para o México.

P.F. - Bem, eles eram ricos mesmo...[risos]

N.J. - Pois é, isso é que eu digo, né. Ela me arranhou o emprego. Era de uma família católica e eu fui trabalhar em uma família israelita. Olha o polo. Eram duas crianças, onde eu podia fazer tudo, era catequista formada, trabalhava em uma escola pública lá no morro do Salgueiro e trabalhava na Igreja de Santo Afonso, como catequista.

P.F. - Então pera aí, a Sra. tá falando bastante coisa importante agora, vamos por partes...

L.A. - Só para confirmar: a família era branca?

N.J. - Era.

L.A. - E todos os vizinhos também?

N.J. - Também.

L.A. - E as empregadas?

N.J. - Negras

L.A. - Todas?

N.J. - A maioria era negra.

P.F. - E elas eram do Rio ou também tinha gente de outros lugares?

N.J. - Tinha de outros lugares. Mas mais próximas do Estado do Rio mesmo. Tinha muita gente de Volta Redonda e Barra Mansa, viu. Eu conheci essas cidades através de uma delas. Agora, a copeira era do Ceará.

T.O. - Quando a gente veio no carro hoje você me contou um pouco como foi essa transição, da primeira família para segunda, e que a primeira patroa, que não te dava salário, ela negociou seu primeiro salário.

N.J. - Ela negociou meu primeiro salário. E nessa outra casa, eu fui trabalhar em Copacabana. Não. Ataulfo de Paiva é Leblon.

P.F. - A senhora tinha...

N.J. - 21 anos.

P.F. - Isso então é mais ou menos início dos anos 50? A sra. Nasceu em 32, isso era 52, por aí.

N.J. - Não, 54 eu ainda estava lá. Getúlio não morreu em 54? Foi naquele ano que eu fui para lá. É, acho que foi um pouquinho mais.

P.F. - Tá, um pouquinho mais...

N.J. - Nesta casa que eu fui para o Leblon eram representantes de pedras preciosas aqui no Brasil. Eram alemães e belgas.

P.F. - A Sra. se importa se eu interromper um pouco, é que eu só quero terminar a primeira casa ainda. Ainda tenho perguntas da primeira casa.

N.J. - A primeira? Ah, tá.

P.F.- A sra. falou que a primeira casa era frequentada por artistas. Políticos também frequentava a casa do Sr. Roberto e da dona Glória?

N.J. - Também.

P.F. - A Sra. lembra de algum?

N.J. - Eu só lembro de um que eu nem gosto... não sei o que Furtado... Mas eu não sei o primeiro nome, esqueci.

P.F. - A família era pró ou contra Getúlio?

N.J. - Era dividido. Meu patrão era muito Getúlio. A minha patroa não era muito, por causa dos pais.

P.F. - Eles eram o que? Carlos Lacerda?

N.J. - Isso, eles eram Lacerdistas doentes...

P.F. - Ah, na Tijuca [risos]

N.J. - É, quando Getúlio morreu...

P.F. - Então, quando Getúlio morreu, conta esse dia, essa é uma história boa...

N.J. - Eu estava indo para escola...

P.F. - A Sra. já era uma adulta, não é? Uma jovem?

N.J. - É... e então alguém gritou: “volta, que o Getúlio se matou”. Eu já tinha 22 anos. Aí eu voltei. Quando eu cheguei na casa, estava assim ó, de políticos, que eu não me recordo mais os

nomes. Aquilo ali não me interessava muito não, eu não era da política nessa época. Não era nem pró nem a favor. Só esse homem, quando eu tinha 18 anos, que eu queria o meu registro, para eu poder viajar sem precisar de babá.

P.F. - Mas a Sra. já votava? Com 22 anos?

N.J. - Já votava...

P.F. - E a Sra. lembra em quem a Sra. votou nesse período? Não? Não ligava muito para política?

N.J. - Não, eu votava porque eu tinha que votar. E ainda tinha que ver uma coisa, tinha que ver em quem que eu votava, porque o patrão era de um e a patroa de outro.

P.F. - Sim, por isso que eu perguntei.

N.J. - E eu não me recordo.

P.F. - Para qual lado a Sra. ia?

N.J. - Eu digo com muita sinceridade, eu me recordo muito a minha infância, mas esse pedacinho eu aí não me recordo muito bem não. Porque depois...quando eu já estava na outra casa, que o Lula começou a arrumar a coisa do PT, aí eu me juntei naquela turma ali e ia embora.

P.F. - Mas aí é bem depois... [risos]

N.J. - Bem depois...

P.F. - Tá, mas então foi conturbado esse dia, porque encheu a casa de gente. Mas a Sra. não tinha muita opinião? A Sra. ficou triste quando ele morreu?

N.J. - Fiquei porque eu achava que ele era bom para o povo. Então eu fiquei triste. Falei assim “ah, pronto, agora como é que vai ficar esse país?”

P.F. - Então o clima era de tristeza? E as amigas da Sra.?

N.J. - Para mim e as minhas amigas, sim. Elas comentavam, “mas como é que pode? E agora? Ele é o pai dos pobres”. Ai hoje quando falam muito do Lula, eu lembro daquela época. “Ah, o Getúlio é o pai dos pobres” e eu dizia assim “Não é não, porque ele não me deu nada” [risos]. Olha, ele já tinha instituído os salários, já tinha CLT, e eu não fazia parte desse contexto, não. Eu continuava sendo aquela menininha que ganhava as roupas, ganhava comida... passeava, ia para cinema, para teatro, ia para tudo quanto era lugar viu...

P.F. - Mas mesmo com essa idade mais avançada eles nunca te davam dinheiro?

N.J. - Não, me davam um dinheirinho no final do mês, mas não era o salário.

P.F. - Era como se fosse uma mesada?

N.J. - Isso mesmo, você disse o termo certo, era uma mesada. E isso durou, mas quando eu fui lá para aquela casa... Ainda não chegou lá não, é?

P.F. - Ainda não chegou lá, não [risos]. A Sra. falou também que tinha uma vida social que era com essa família, com as amigas que eram essas empregas...

N.J. - É, e o pessoal da Igreja...

P.F. - Tá, porque a Sra. tinha uma atuação como católica, era isso?

N.J. - Eu tinha, não, eu tenho... Eu me formei catequista, e entrei na JOC na Igreja de Santo Afonso, na Tijuca. Ali eu fiz todo o meu aprendizado. Mas eu já era batizada, já era crismada. Então essas coisas já eram passadas e eu não me recordo quem eram meus padrinhos. E fui para lá para a escola da catequese. Me formei em catequista e cantava no Coro. Ah, olha só, eu era uma empregada que tinha uma certa liberdade, porque eu era corista, dava aula de religião lá no Salgueiro, dava aula na Igreja, tudo isso. Então, eu tinha minha liberdade.

L.A. - Nair, na época já tinha grupo de doméstica?

N.J. - Já tinha, mas não era grupo de doméstica pelas domésticas, era a Juventude Operária Católica, que tinha uma linha de valorização do trabalho doméstico. Só que a gente que não ganhava dinheiro, eu não entendia muito bem aquelas histórias de valorização, se eu não tinha dinheiro. Mas... eu achava que estava bem, né? “Ah, isso faz parte”. Que não era a palavra usada na época, tinha um outro vocábulo, mas a gente...

P.F. - E através da JOC a Sra. tinha contato com outros operários? Porque ali na região tinha fábrica...

N.J. - Com outros grupos... claro, a gente tinha contato com esses operários, com essas mulheres de fábrica, mas a gente não participava, não ia para lá junto...

P.F. - Certo, mas sabia que existia.

N.J. - Sabia que existia e o dia que a JOC se reunia, todo mundo estava ali junto, todo mundo contava uma história...

P.F. - Porque ali no Borel⁴ tinha a Fábrica da Souza Cruz, ali tinha um monte de fábrica...

N.J. - Isso, ali no Borel eu lembro que a gente ia lá brigar por causa da história dos sutiãs. Isso eu me lembro bem, mas isso eu já estava na outra casa. Para outra casa eu fui e eu levei os meus conhecimentos da primeira para lá, mas a minha vida lá mudou bastante.

⁴ Morro do Borel, situado no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro.

P.F. - Outra coisa então, ainda na vida social da senhora. Então passava pela casa dos seus patrões, pelas amigas...

N.J. - Pelas amigas que a gente tinha um grupinho...

P.F. - Tudo de empregadas domésticas?

N.J. - A maioria era, a gente só tinha patrões juntos lá na Igreja.

P.F. - E o pessoal da Igreja... O pessoal da Igreja permitia que a sra. tivesse contato com outras pessoas diferentes...

N.J. - É, esses patrões aí, eles também, porque eles apesar de serem bem burgueses, eram uns burgueses amigos, né.

P.F. - Certo, um bom burguês [risos].

N.J. - Bons porque eles deixavam a gente fazer as coisas como a gente queria.

P.F. - Mas a sra. também era como uma espécie de filha para eles?

N.J. - É, uma filha, uma neguinha filha, né.

P.F. - Uma agregada como se diz hoje em dia.

N.J. - Exatamente. A Totonha, era velha e era negra. A lavadeira era negra. A menina do Ceará era da minha cor, mas não se considerava negra não.

P.F. - E essa questão de ser negra, era algo que vocês conversavam ou não?

N.J. - Não, naquela época não tinha essa história de se discutir cor...

P.F. - Mas você viu que vocês todas eram negras e que os patrões eram brancos...

N.J. - Não, isso a gente via a diferença. E uma outra diferença que tinha era que a gente tinha uma mesa só. Não era empregado comer depois, não.

P.F. - Na sua casa?

N.J. - Nessa casa da Tijuca. Era uma mesa só. Hora de almoço, todo mundo sentado, acabou. “Agora não tem nada, Totonha senta aqui”. Totonha: “Não gosto porque eu gosto de comer mexendo na comida”. Mas as vezes sentava. Então era uma espécie de família.

T.O. - E você se considerava da família?

N.J. - Não. Nessa época eu ainda não tinha essa divisão, não. Isso eu aprendi depois. Lá naquela família que eu ganhava dinheiro, é que eu vi que eu não era da família.

P.F. - Mas lá a Sra. achava que era? Lá na casa da Tijuca?

N.J. - Não, eu não achava que era porque eu volto a dizer, nunca me perguntaram se eu era da família naquela casa, mas eu tinha uma certa liberdade. Se vai para o Teatro, vai para o Municipal, vai para o Mason de France, vai para o Carlos Gomes, vai todo mundo, eu também

vou. E eu não sento lá em cima, eu sento junto com eles, então não tem diferença. A diferença era só a cor, e o dinheiro que eu não tinha.

P.F. - A Sra. era uma adolescente, uma jovem. Adolescentes começam a namorar. Como eles lidaram com essa fase?

N.J. - Ah, namorava! Eles tomavam conta.

P.F. - Brigavam com a Sra.?

N.J. - Não, mas diziam: “Olha isso, olha aquilo, não vai engravidar”. Eles davam conselhos.

P.F. - E a Sra. tinha muitos namorados? [risos]

N.J. - Ah, não brinca viu... [risos] Era sério, viu. Era sério. Namorei muito, quase casei.

P.F. - Lá com esse pessoal da JOC?

N.J. - Não, no Leblon. Quase casei. Mas esse namorado que quase casei era aqui da Tijuca.

P.F. - Ah, do Leblon, mas não era da JOC?

N.J. - Não, era um marinheiro sem vergonha [risos].

P.F. - Tá bom, alguém tem mais alguma pergunta ainda sobre essa primeira fase na Tijuca?

T.O. - Quando a Louisa pergunta quando você encontrava tempo para estudar? As brincadeiras eram junto com as crianças...

N.J. - Com as crianças, e o estudo era desse jeito, eu não fazia nada, só brincava com essas crianças, e o horário de estudar, era junto com os deles. E saber se os deveres estavam certos ou não era aos sábados, quando o pai sentava para fazer a sabatina dos filhos, fazia a minha também...

P.F. - Ele te ajudava nessa...

N.J. - É, por isso que eu digo, quando me convidaram para gravar no Museu da Imagem e do Som eu disse: “Eu não posso falar de patrão aqui. Eu não tenho como”. Eu só não ganhava dinheiro, mas eu tinha liberdade, eu podia fazer o que eu queria.

P.F. - E por que a Sra. parou de estudar?

N.J. - Porque eu já estava cansada. Hoje eu digo assim: “Poxa vida, podia ter terminado, podia ter me aposentado como professora e não como empregada doméstica e não fiz”. Ah, e nessa mesma casa eu ainda fiz umas aulas de enfermagem. Fiz meu curso de auxiliar de enfermagem, com 26...Não, eu terminei lá...

P.F. - No Leblon?

N.J. - É, no Leblon. Mas não exerci a profissão, continuei como empregada doméstica. Mas isso também foi uma resposta orgulhosa, porque depois de tudo isso, depois desse carinho todo

que eu tinha na casa, eu fui para uma casa onde eu era empregada mesmo. E nessa casa que eu vi que eu era empregada mesmo e comecei a ver a diferença entre patrão e empregada. Nessa casa também encontrei uma empregada antiga.

P.F. - Mas ainda antes, a última pergunta que eu tenho sobre a Tijuca. A sra. falou que dava aula no Salgueiro, como era a favela do Salgueiro naquela época?

N.J. - Ah, era beleza, a gente subia e descia sem ninguém me perguntar onde é que você vai. Hoje não posso fazer isso.

P.F. - Tá, por causa da violência, mas e como eram as condições de vida da favela?

N.J. - Olha, eu acho que as condições de vida não eram tão favoráveis também. Eu dava aula em uma escola pública, lá no alto, não é como a escola hoje que é em baixo, lá na Silva Téles. Mas não tinha problema não.

P.F. - Quem arranhou para Sra. dar aula lá foi a JOC?

N.J. - Foi o pessoal da Igreja de Santo Afonso.

P.F. - E nessa época já tinha Associação de Moradores, essas coisas? Como eram essas coisas no Salgueiro?

N.J. - No Salgueiro tinha, mas eu não frequentava.

P.F. - Mas a Sra. sabia que existia...

N.J. - Sabia que existia, como sabia que existia grupos de empregadas domésticas na JOC. Nesses colégios religiosos as irmãs sempre faziam reuniões...

P.F. - A Sra. falou que não se interessava muito por política nessa época, mas a sra. lembra de alguma coisa na JOC ou na casa da Sra., dos seus patrões falando sobre Partido Comunista ou dessas coisas?

N.J. - Falavam muito. Mas eu não sabia o que queria dizer comunista. Até um tempo atrás eu questionava a história. “Que história é essa, comunismo? Se falam tanto de socialismo? Falam tanto de igualdade? Eu vejo tanta tragédia lá fora e como é que é possível uma coisa dessas?”. Mas não estava muito interessada nessas coisas não.

P.F. - Mas falavam...

N.J. - Falar falavam, assim, o vento levou.

P.F. - Não era algo que a Sra. gravava..

N.J. - Naquela época não era algo nem que eu gravava e nem que me interessava. Eu tinha a cabeça voltada para outras coisas. Queria viajar, queria passear. Não achava que aquilo ali fazia parte da minha história, então passou.

P.F. - Bem, então finalmente a Sra. decidiu sair da casa da Dona Glória e do Seu Roberto.

N.J. - É, Dona Glória, Seu Roberto, Seu Gustavo e Dona Laura.

P.F. - Seu Gustavo era o pai dela.

N.J. - Seu Gustavo era o avô, Dona Laura era a avó.

P.F. - Aí a Sra. não quis ficar porque senão a Totonha ia jogar a panela na cabeça da sra...

N.J. - Não, porque na casa tinha um grupo de profissionais completos, não precisava mais de babá e não precisava de uma governanta, porque a Totonha era governanta. Ela era cozinheira, mas eles diziam: “Vamos contratar uma cozinheira, Totonha, para você descansar”. Se ela olhasse na cara da pessoa e dissesse assim: “Ah, não quero”, eles não contratavam. E quando eu punha os meninos de castigo quando eram pequenos – porque quando cheguei naquela casa, eles disseram para mim uma coisa assim, como se estivessem sentados aqui como vocês comigo, ela disse assim: “Olha, você vai cuidar das crianças. Não pode bater, mas se puser de castigo eu não quero saber porque”. Então o Antônio Frederico que era muito levado, e um dia eu tive que sair de madrugada para o Souza Aguiar com ele porque ele tinha enfiado uma agulha...A avó mandou eu ir na Saens Peña comprar linha para ela porque ela fazia tricô e eu deixei o Antônio Frederico lá com ela. Ele pegou a agulha e enfiou. De noite estava chorando. Eu digo: “O que que foi?”, “tá doendo”, falei “doendo o quê?”, “a agulha”. Ah! De madrugada! O que que eu fiz? Tinha telefone no meu quarto, peguei o telefone, liguei para o Souza Aguiar, pedi uma ambulância, falei “sem sirene! Eu vou estar na porta”. Arrumei as duas crianças, saí de casa, fui para lá. Eles operaram Antônio Frederico, tiraram a agulha e então eu liguei para mãe. Falei: “Eu estou no Souza Aguiar porque Antônio Frederico enfiou uma agulha”, a mãe: “Como? E você não falou para ninguém?”, eu disse “Não, já cheguei aqui”.

T.O. - Você tinha quantos anos Nair?

N.J. - Acho que eu tinha 15 para 16, por aí...

P.F. - A Sra. acha que quando eles foram lá no orfanato onde a Sra. estava eles foram buscar uma babá?

N.J. - Não, pelo menos a impressão que eu tive não era essa não. Só porque eu fiquei brincando com as crianças...

P.F. - Mas o que que eles foram fazer nesse orfanato?

N.J. - Eles visitavam para levar doações, levar roupas – levavam roupas das crianças.

P.F. - Mas eles saíam do Rio e iam para Minas...

N.J. - Eles iam sempre lá. E mesmo depois que eu já estava no Rio, eles iam sempre lá. E como as crianças na hora de ir embora queriam me levar e começaram a chorar, uns 10 dias depois eles voltaram com a proposta de me trazer...

P.F. - Eles pensaram e falaram: “Vai ser bom ter alguém”?

N.J. - É, de trazer a neguinha para cá...

P.F. - Eles te chamavam como?

N.J. - Bá.

P.F. - As crianças?

N.J. - As crianças e os pais chamavam bá. Eu não tinha outro nome. Nair Jane não existia, era bá. Bá, bá, bá.

P.F. - Bá de babá?

N.J. - É, bá de babá.

P.F. - E agora sim, vamos para o Leblon [risos].

N.J. - Eu falei para ela que eu não queria mais ficar porque os meninos haviam crescido. A Vânia e o Antônio Frederico, que negócio era esse de eu ir para clube acompanhar os dois porque a mãe e o pai não queriam ir? Eu disse não, um com 20, eu 23, não quero... “Ah, mas não vai”, “vou, se a Sra. não me arrumar um emprego vou trabalhar de cozinheira aqui em algum lugar”. “Ah, que maluquice é essa, trabalhar de cozinheira”. Ela tratou o salário e a patroa queria que eu fosse lá na sexta-feira. Ela disse: “Não, ela não pode ir sexta-feira não porque no domingo os alunos dela da catequese fazem Primeira Comunhão, ela vai na segunda-feira”. Eu disse “eu vou domingo a noite” “Tá bom, então a gente te leva”. Eu fui para a Igreja de Santo Afonso, minha turma fez primeira comunhão, eu fui para festa em que o aluno só deixava cortar o bolo se eu chegasse, ali mesmo na Silva Telés, e depois voltei. Me puseram no carro e me levaram.

P.F. - E como foi essa despedida? A Sra. passou 11 anos da sua vida lá...

N.J. - Ah, não fala não, aí não quero falar...

P.F. - Tá bom

N.J. - Cheguei lá na casa, o que eu encontrei? A cozinheira, uma passagem no meu nome em cima da geladeira para eu ir pegar o menino em Bariloche. Eu perguntei para cozinheira: “Essa sua patroa é maluca?”, ela disse “Por quê?”, eu disse “Por quê? Ela não me conhece. Como é que ela me deixa uma passagem e vai para Israel? Como ela me deixa uma passagem aqui em cima da geladeira, para eu pegar uma criança, o meu trabalho?” “ah, a sra. que pensa que ela

não conhece. Ela fez isso porque ela sabe que podia fazer isso”. E lá fui eu para Bariloche, dois dias depois. Encontrei o Daniel com uma família que era parente, fiquei ainda 45 dias em Bariloche com eles e voltamos ao Brasil.

P.F. - A Sra. falava espanhol, um pouco, por causa do México?

N.J. - Nessa época não falava muito, não, mas entendia. E voltei, cheguei aqui e eles ainda não tinham voltado, fomos para Teresópolis. Eles tinham uma chácara em Teresópolis. E lá nessa chácara tinha uma coisa interessante. A mãe dessa Sra. que era parente deles e estava com o Daniel – e eles tinham duas crianças – mas não tinha babá, e quando eu cheguei lá a cozinheira da casa falou para mim “você só pode fazer as coisas para o Daniel. Não tem autorização para fazer mais nada para os outros”. Eu falei para ela “ah, isso para mim não dá. Tem três crianças aqui. Eu vou fazer sanduiche para um e não fazer para os outros? Ah não!”. E a gente ia brincar e, olha só, eu já grande e eles bem pequenininhos, Daniel tinha 2 anos. E fomos brincar de chicotinho queimado, que tinha um quintal imenso lá em Teresópolis. Ela disse para mim assim “olha, não pode”, a cozinheira, “Não pode porque tem uma avó” ou tia, não sei quem era “e ela gosta de descansar aqui nesse quarto, e vocês fazem barulho”. Eu falei: “Ah, ela vai vir brincar com a gente” [risos] “vai vir brincar com a gente porque eu vou ir brincar com as crianças ali e ela vai vir brincar com a gente”. E no final foi isso que aconteceu. Ela disse que eu não deixava ela dormir, e não podia brigar comigo porque eu não era empregada da filha dela. E aí pronto. Quando meus patrões voltaram de Israel foi aquele desespero, porque as crianças não queriam entrar no carro se eu não entrasse, não queriam ir passear se eu não fosse. E assim passou um ano, passou dois, e eu fui para Israel, fui para Bélgica, para Alemanha. E até o Daniel fazer 15 anos.

P.F. - Tá, vamos pedacinhos por pedacinhos

N.J. - Não tem muito pedacinho aí, não. Vamos lá...

P.F. - Não? A Sra. mudou de bairro, e a vida social da Sra. era muito na Tijuca, como foi se mudar para o Leblon?

N.J. - Eu, na Tijuca tinha tempo de estudar, eu tinha tempo de dar aula, tempo de conversar... No Leblon eu não tinha tempo as vezes de ir no banheiro. Eu era babá só do Daniel, mas tudo, tudo era Daniel. Pai e mãe eu via de manhã quando eles se levantavam. O Daniel eles viam no final de semana, porque quando eles saíam Daniel estava dormindo e quando eles chegavam já tinha posto para dormir...

L.A. - Ele tinha quantos anos, quando você chegou?

N.J. - Dois anos. E a gente foi vivendo, e começou aquela coisa – eles tinham sítio em Teresópolis, em Quebra Frasco. E a gente ia para aquele sítio. Era o mesmo problema, porque o Daniel queria ir para Escola Britânica, a gente ia para lá, eu ia ensinar português para crianças lá e nós ficávamos quase o dia todo naquela escola. Quando voltávamos, cadê os pais? Tinham ido não sei para onde. Então aquela criança foi mais ou menos eu e ele, eu e ele. E a recomendação que eu tive quando cheguei na casa – o patrão não falava muito não. Tanto que ele nunca me chamava pelo nome, ele dizia assim: “oi moça”. E ela falou para mim: “você é católica, nós somos israelitas” não falou que eram judeus “eu já sei que você é catequista formada, aqui tem uma escola que, acho que é Luiz Randolph⁵, que tem na Francisco Otaviano, que você pode continuar dando suas aulas, mas não pode ensinar nem uma palavra do Novo Testamento para ele, mas do antigo você pode falar tudo”. Aí nós saímos, eu fiz um grupo de babás.

P.F. - Qual era o nome deles, seus patrões?

N.J. - Simon Friedmann e Annalise Kikoler Friedmann

P.F. - E eles faziam o que da vida?

N.J. - Eram representantes de pedras semipreciosas aqui no Brasil. E tinham escritório na Rua da Quitanda, quando estavam no Brasil, quando não estavam, estavam por aí. E recebiam muita gente do exterior.

P.F. - Certo, muitos judeus, suponho?

N.J. - Nem sempre. Representantes, que um dia um da Inglaterra perguntou o que eu estava fazendo naquela casa, que tudo era comigo. Eu agendava, eu olhava, fazia tudo – sendo babá. E comecei entrando assim. A minha carteira só tem uma assinatura, que é de lá. E com o cargo governanta. Só que foi governanta porque em 1973 quando veio a primeira lei da doméstica eu tinha 14 anos já trabalhando lá.

P.F. - Quando veio a lei a Sra. estava trabalhado lá há 14 anos? Então a Sra. foi trabalhar lá em...

N.J. - Em 1956. Tanto que meu patrão, quando veio a lei ele disse de manhã: “moça, você viu a televisão ontem?”, porque lá eu tinha salário, tinha férias e tinha folgas. Na casa do Simon Friedmann. Onde minha patroa tratou o emprego. Eu ainda não estava engajada na luta das domésticas. Eu tinha só aquele grupinho de babás, que quando eu saía – no Forte de

⁵ Nenhuma escola encontrada com esse nome ou similar foi achada em pesquisa no google.

Copacabana tem uma capelinha, então eu dizia assim: “Lourdes, toma conta aqui que eu vou entrar lá na igreja para rezar uma ave Maria”, e o Daniel ficava. Um dia ele perguntou para mim assim: “Bá, por que eu não posso ir lá?”, respondi: “Porque você só vai para Sinagoga”. E eu ainda ia para Sinagoga né, porque tinha que acompanhar, era o meu trabalho. Eu sempre dizia para as pessoas depois, quando as meninas reclamavam “ah, porque eu tô sem folga...”, eu dizia: “você não é babá? O seu trabalho é a criança, onde ela for, você tem que ir. Eu fui buscar o meu lá em Bariloche, e tá aí”. Então ele disse: “Moça, você viu que as férias agora são 20 dias?”, eu disse “É, são 20 dias úteis, o Sr. ouviu também isso? Então, no dia que tiver feriado eu vou ter 33 dias de folga. Férias”. Ele falou: “É. Outra coisa, eu vou assinar sua carteira”, “não, o Sr. vai assinar cinco carteiras”. Nessa casa do Leblon tinham cinco empregadas. Ele: “Como? Então você vai para o Instituto de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS)⁶ fazer os registros”. Eu falei: “vou”. Eu era babá e era meio babá e governanta, porque fazia as coisas da casa. Lá tinha empregada antiga, mas eu já entrei meio com esse status, de babá e governanta. Eu fui para o INAMPS, registrei as cinco e no final do mês ele me dava o dinheiro para ir ao banco pagar os INAMPS de todas nós.

L.A. - Eu quero saber sobre esse grupo de babá. Você fez um grupo de babá?

N.J. - Nós fizemos, porque ali tinha um parquinho...

P.F. - Mas isso logo quando a Sra. foi para lá? Lá atrás nos anos 50?

N.J. - 1956. Tinha um parquinho, e eu ia para o parquinho com ele. Então tinha aquele mundo de babás ali e a gente começou a conversar. Tinha a Conceição, a Maria da Glória, a Lourdes, Jéssica, Anita, Ester. Tudo isso formava aquele grupo. Eu e Lourdes éramos as únicas negras do grupo, o resto era tudo branquinha, mas a gente se dava bem.

P.F. - E eram todas cariocas?

N.J. - Não, não eram todas cariocas não. Eram mineiras, do Espírito Santo, da Bahia e uma de Pernambuco. E eu do Maranhão. Era aquele grupinho de imigrantes aqui no país. E aí a gente foi. Em 1970, né. Antes disso eu conheci a Associação Profissional de Empregadas Domésticas.

L.A. - Antes de fazer o grupo de babá?

N.J. - Não, já tinha o grupo.

⁶ O Instituto de Assistência Médica da Previdência Social era uma política de saúde pública anterior à criação do SUS, extinto em 1993. Fonte: <http://www.epsjv.fiocruz.br/instituto-nacional-de-assistencia-medica-da-previdencia-social-inamps>.

P.F. - O grupo de amigas, era isso?

N.J. - Era de amigas.

L.A. - Antes de qualquer ativismo?

N.J. - Não tinha nada, não. A gente ia ao cinema...

P.F. - E vocês conversam sobre as patroas?

N.J. - Ah, aquelas que as patroas eram boas a gente falava bem, se eram más, falava mal. Se pagava pouco a gente falava, se pagava bem, se dava as coisas a gente falava. Eu viajava e ganhava muitos presentes, quando chegava comentavam: “ah, pois é, você é rica, porque você vai...”. E eu: “Ah, não sou rica nada”

P.F. - Era um grupo de amigas, mas vocês falavam sobre trabalho?

N.J. - Isso.

P.F. - E só antes disso, lá na Tijuca a Sra. era da JOC, e lá no Leblon a JOC foi com a Sra.?

N.J. - A JOC foi, mas não tinha muito tempo, então eu ia para Igreja de Santa Monica. Era como eu disse, lá na Tijuca eu tomava conta de dois e tinha tempo para tudo isso, e no Leblon eu tomava conta de um e as vezes não tinha tempo de ir a uma missa, porque era tudo aquela criança. Como ele era judeu, eu não podia botá-lo junto comigo dentro da igreja católica.

P.F. - Então não dava tempo de fazer nada da JOC, mesmo que a Sra. quisesse. O que dava era para conversar com as outras babás? Porque a Sra. estava no trabalho?

N.J. - É, e o dia de namorar era só quinta-feira.

P.F. - Ah é, ainda tem o marinheiro, vamos chegar aí [risos].

L.A.- Nair, essa foi sua primeira experiência como doméstica, com um grupo de doméstica? Esse grupo de babá?

N.J. - Não, na tijuca tinha esse grupo lá, da JOC.

L.A.- Mas você não falou que não participava na época?

N.J. - Não, eu participava da JOC e na JOC a maioria eram todas empregadas domésticas. Ali você só conhecia os professores que não eram, aquelas assistentes sociais que chegavam para conversar com a gente...

P.F. - A senhora falou que tinham as operárias também...

N.J. - As operárias, as irmãs de caridade, e era isso. Mas na maioria eram outras pessoas.

P.F. - Era uma possibilidade deixar de ser doméstica e virar operária?

N.J. - Era, e eu não queria.

P.F. - Tá, mas muitas faziam isso?

N.J. - Faziam, e diziam para mim: “Que besteira, você vai ficar aí sendo escrava de patrão?”. Eu ouvi muito isso. Mas eu tinha também o problema de moradia. Eu tinha umas amigas, que uma eu ia para casa de uma delas quando eu estava de folga, e minhas folgas eram de 15 em 15 dias. O tempo foi passando, e um dia eu dei uma entrevista, aí eu já tinha conhecido a Associação. E ela quando leu a entrevista ficou muito zangada.

P.F. - A dona Annelise?

N.J. - Dona Annelise Kirkole Friedmann. “O que que houve?”. Ela quando ficava zangada ela não falava com a gente não. Eu passava, olhava “Que cara feia é essa, o que aconteceu?”, “Eu li aqui, você fez um rosário aí de coisas e não falou que faz parte da família”. Eu falei: “Como é que é?” “É, porque você é da família”. Eu falei: “Da família? Da família é o Daniel. Eu tenho salário, eu tenho férias, eu tenho horário para entrar e sair aqui da sua casa, eu tenho folga de 15 em 15 dias. O Daniel entra aqui 2 horas da manhã, traz não sei quem, ele é da família. E além de tudo eu sou negra. A senhora é alemã e branca. Eu não sou branca. Então eu estou numa casa, que eu estou a muito tempo, que eu gosto de estar aqui, apesar de algumas coisas, mas eu não faço parte dessa família. A minha família, são aquelas minhas colegas lá do subúrbio, aquela família que não é a biológica que eu adotei lá em Nova Iguaçu. Essa é a minha família, são negros como eu. E que no final do ano, quando a Sra. viaja e eu não viajo, eu posso trazê-los e deixa-los aqui, mas eu tenho que pedir autorização a sra., e o Daniel não precisa fazer isso”.

P.F. - Isso ele já era adulto?

N.J. - Já, já, era um rapazinho. “Ele não precisa fazer isso, eu preciso. Então eu não faço, biologicamente – a Sra. quer que eu diga afetivamente? Nem assim. Amizade, amizade, negócios a parte. Eu tive que deixar minhas aulas porque não dá tempo mais para eu lecionar. Ah, você combinou uma coisa comigo” - Abdicar das minhas férias porque eu entrei para Associação de Empregadas Domésticas, e aí logo que eu entrei um ano depois fui eleita presidenta da Associação, e eu tenho – 1969, 1970, foi aquela carta para o Médici, que era o presidente da República, em plena ditadura militar, e a gente ganhou a primeira legislação, 5859, direito a férias de 20 dias, que foi aquela história do “Moça, você agora tem 20 dias de férias e carteira assinada”. E a gente começou e eu falei para ela: “pois é, as minhas férias continuam 30, ou 30 a mais, ou mais de 30 dias, porque eu aprendi também que direitos adquiridos não tem volta. Então eu tenho férias de 30 dias. As colegas têm de 20? Parabéns, mas eu tenho de 30. Fiquei quase 22 anos, só tendo folga para ir e voltar. Não ganhava

dinheiro, agora eu ganho dinheiro e eu tenho isso aí. Ganho cruzeiros, cruzados e ganho dólares” - porque quando eu viajava meu salário era pago em dólares, não era pago em cruzeiros, porque também “Você viaja com a gente?” “Dependendo”, “Como dependendo?”, “Eu só viajo se o meu salário for o salário de lá”, “mas...”, “não tem ‘mas’”. Então eu fico aqui no Brasil”.

L.A. - Nair, essas negociações que você fazia antes de entrar na Associação, de onde vem, como é que você fazia?

N.J. - Não, isso é porque as irmãs de caridade do Sacre Coeur de Marie, que eram da JOC, elas orientavam a gente.

P.F. - Isso lá...

N.J. - Lá nos anos... deixa eu ver, 1955, 1957, por aí

P.F. - Nesse momento a Sra. se aproximou desse pessoal, foi isso? Lá no Leblon?

N.J. - Leblon foi 56...

P.F. - Não, eu entendi, mas essas freiras?

N.J. - As freiras foram desde a Tijuca...

P.F. - Mas essas do Sacre Coeur...

N.J. - Do Sacre Coeur de Copacabana foi lá. Porque essa família eu fui morar em Copacabana, fomos para o Leblon e depois voltamos para Copacabana de novo. Eles ficavam que nem ciganos, mas quando chegamos na Francisco Otaviano a gente ficou. Lá a família se foi e eu parei de ser empregada doméstica fixa. Eles morreram – a mãe dela morreu em 1990, meu patrão em 1991 e ela em 1993. Eu falei: “Acabou”. Eu já tinha feito meus cursos de cuidadora, e eu ainda fazia alguns plantões na Casa de Saúde Samaritano, em Botafogo. Final de semana quando estava de folga eu ia ganhar dinheiro extra lá.

P.F. - Então, como a gente combinou eu vou ser aquele chato que volta atrás. Lá no início, com o Daniel ainda criança, a vida da Sra. era trabalhar quase o tempo todo em função do Daniel, ter suas amigas no parquinho...

N.J. - Durante o dia...

P.F. - ...quando levava o Daniel lá e ficava conversando com suas amigas, ter folga de 15 em 15 dias e viajar com eles quando eles viajavam. Essa era o cotidiano da vida da Sra.?

N.J. - Era minha vida até o Daniel completar 14 anos.

P.F. - Então durante esses anos todos, era isso que acontecia...

N.J. - Aí eu fui para Associação...

P.F. - Não, mas antes da Associação ainda, calma, ainda estou interessado no cotidiano da Sra. na casa. A Sra. falou que eles eram bem relacionados, muita gente frequentava a casa; de novo, políticos iam lá na casa deles, era igual lá na Tijuca ou não?

N.J. - Não, não eram políticos, não.

P.F. - E a sra. Lembra da política dessa época, porque isso é perto do golpe de 1964, a Sra. lembra disso, do que estava acontecendo? Porque a cidade estava pegando fogo, né?

N.J. - Em polvorosa...

P.F. - A Sra. lembra disso? Porque a Sra. não se interessava por política, não é isso?

N.J. - Não, aquilo ali foi uma época que ficou lá. O pessoal falando, e eu não estava nem aí

P.F. - A Sra. se lembra do Jango?

N.J. - Claro que eu me lembro do Jango. Do Jango, do Brizola...

P.F. - A Sra. gostava deles?

N.J. - É... aí... O Brizola eu tive muito contato com ele.

P.F. - Naquela época?

N.J. - Não, depois, depois.

P.F. - Mas naquela época, antes do golpe...

N.J. - Não, naquela época eu conhecia só lendo jornal e vendo televisão. Eu não participava lá não. Mesmo a orientação – porque a gente tinha orientação política, né...

P.F. - A Sra. votava em quem?

N.J. - Ah, eu votava na esquerda mesmo. Eu não votava na UDN. Na época era PMDB né?

P.F. - Não, PTB

N.J. - PTB, que era o partido do Brizola... agora eu não quero nem pensar em PTB. Eu só ia lá e votava.

P.F. - Mas e lá? A Sra. não votava na UDN? [risos]

N.J. - Não! Não senhor [risos]. Nem me venha...

P.F. - E os patrões da Sra.? Os judeus?

N.J. - Não. Meu patrão dizia: “Olha, eu não vou te falar em quem eu voto”. Ele era um judeu interessante, tinha um padre na igreja de São Judas Tadeu, que ele viajava, mas aquele padre tinha que ir lá em casa jantar, na véspera da viagem, eu dizia: “Que judeu é esse que o padre tem que vir aqui?”, mas ele não entrava muito no mérito não, ele só dizia: “É meu amigo”. Então eu não tinha isso, não, mas eu ia votar, meu título era muito antigo.

P.F. - E a Sra. votava PTB na época?

N.J. - Na época, é.

P.F. - E a Sra. lembra da época do golpe?

N.J. - de 61?

P.F. - Dos dois? 61 e 64.

N.J. - 61 eu estava em Brasília, lá na inauguração com Juscelino.

P.F. - A Sra foi na inauguração de Brasília? Boa história...

N.J. – Eu fui porque: a babá dos netos do Juscelino era minha amiga. E a gente tem uma história, viu. No dia da minha folga de semana, eu ia para lá para eles saírem, e a babá ter uma folguinha e eu ficava com as crianças deles. Então o que eles fizeram? Quando foi inaugurar Brasília eles disseram assim: “Ah, bá, quando for inaugurar Brasília não dá para você tirar uma folguinha do seu trabalho e ir com a gente para Brasília, não?”, ai eu arranjei uma conversa lá, que eu não sei ainda até hoje qual foi, mas arranjei 10 dias de folga e fui para Brasília. 1961 eu estava lá, lá no catetinho.

L.A.- Você tem alguma foto disso aqui, Nair?

N.J. - Não, eu tinha umas fotos, mas as minhas fotos se perderam, muitas, e uma delas foi essa, a foto de Brasília.

P.F. - Que incrível...

N.J. - Mas Brasília eu tinha horror daquela terra vermelha no meu nariz... gente, eu voltava de Brasília injuriada...

P.F. - Então a Sra. foi mais de uma vez em Brasília nessa época?

N.J. - É, eu fui mais de uma vez. E depois, quando estava já na Associação eu ia... aí é outra coisa, né.

L.A.- Essa babá era amiga do grupo de babá lá do parque?

N.J. - Era, era a Ester.

P.F. - E a Sra. chegou a conhecer o Juscelino, então?

N.J. - Claro, Juscelino, a mulher, a Sara, a Márcia... como é? É Márcia e a outra é o que, meu Deus? Ah, mas eu conheci a família toda. E até tinha festa lá e eu gosto muito de vinho até hoje porque eles me davam vinho quando eu ia lá.

P.F. - E isso era em Copacabana?

N.J. - Copacabana, eles moravam ali na Sá Ferreira.

P.F. - Ah, que incrível...

N.J. - É, então eu conheci Brasília desde a criação.

P.F. - Tá, mas você conheceu o Juscelino, mas não estava muito aí para política?

N.J. - Não, nada de política. Era só porque eu era amiga da...

P.F. - E dava para ir a Brasília, né [risos].

N.J. - Dava para passear naquelas limusines lá, né. Isso beleza, era muito bom

P.F. - Mas e o golpe mesmo, a Sra. lembra das confusões?

N.J. - daquelas marchas todas? Claro que eu me lembro. Só que eu não estava muito interessada ali, não. O Leônidas... como é que chama, gente? Tem umas coisas que eu quero lembrar e não consigo. Tinha um advogado, que ele era da Caritas, e ele ficava tomando conta de mim, porque ele dizia que eu ia xingar o pessoal e ia presa...

P.F. - Naquela época?

N.J. - Naquela época, porque eu ficava xingando o pessoal, aquelas coisas todas, aquelas barbaridades todas. Essa Sandra Cavalcante, nossa, a gente fazia uma coisa...

P.F. - Então a Sra. já estava um pouco politizada, não estava?

N.J. - Não estava muito, não.

P.F. - A Sra. estava xingando o lado certo, pelo menos [risos].

N.J. - Mas como eles não achavam que eu entendia muito. Aí eu falei assim: “eles acham que eu sou ignorante, olha, aquela neguinha ali não sabe de nada... então eles deixam eu falar as coisas que eu quero”

P.F. - Eles quem?

N.J. - Ué, os políticos. O João Goulart, a mulher do João Goulart, a gente conversava. Ela morreu, ou está viva? Ela tinha um câncer? Aqueles meninos bonitos dela, quando eram jovens...

P.F. - Maria Teresa. Mas isso depois do golpe?

N.J. - Depois.

P.F. - Mas antes a senhora não lembra muito?

N.J. - Antes eu não estava na política, não.

P.F. - Eu sei, a Sra. não estava na política, mas a política estava nas ruas. A Sra. lembra de ver alguma coisa? As marchas?

N.J. - Esse mundo de militares na rua eu via. Isso infelizmente era coisa que a gente não dava um passo sem encontrar 10, 20 na esquina.

L.A. - Você não conversava com as amigas no grupo de domésticas?

N.J. - A gente conversava. Tinha umas bem brigonas. Que dizia assim: “Se eu pudesse eu matava fulano, se eu pudesse enfiava uma faca”. E eu falava: “Que negócio é esse? Você quer ser assassina por conta de quê?”. E a gente via as coisas, que a gente não podia comentar. A gente só podia ouvir, ver e calar. E fazer igual os macaquinhos, né. [gesticula cega, surdo e muda].

P.F. - E a vida social da Sra.? A Sra. já falou que tinha pouco tempo, mas ainda dava para namorar um pouco?

N.J. - Claro que dava. Quinta-feira era dia de namorar. Aí eu ia namorar o marinheiro, marinheiro chato.

P.F. - Como que a Sra. conheceu ele?

N.J. - Foi em uma festa, como era mesmo que chamava? Um baile, uma gafieira. Eu gostava de dançar, e nessa gafieira eu conheci o sujeito. A gente começou a namorar e eu falei: “só tenho livre quinta-feira”. E aí namoramos, sabe quantos anos? 10.

P.F. - De quinta em quinta?

L.A. - Qual era o nome dele, Nair?

N.J. - José Vasconcellos. Mas não é o Vasconcellos da televisão, não [risos].

P.F. - Ele era negro ou branco?

N.J. - Negro. E o que aconteceu: “Vamos fazer nossa casa?”, “Vamos”. Montamos um apartamento lindo ali na Rua do Riachuelo. Quando tinha tempo ia arrumar meu apartamento, pensando “vou casar e vou morar aqui”. Faltava 23 dias para eu me casar, “vamos para França, você vai com a gente para França”, “não vou, vou casar, como eu vou com vocês para França”. Tá bom. Aí eu estava descendo a Visconde de Pirajá, e vem uma mulher com uma criancinha. Ou seja, ela me conhecia, eu não conhecia ela. “Ei, perai”. Eu falei: “O que é?”. “Tá vendo esse bebê aqui? É do teu futuro marido. No dia do seu casamento eu vou matar ele lá na igreja, porque ele quer a criança para você criar, mas não me quer”. Falei: “Ah é? Tá bom. Hoje é dia da gente se encontrar, então acabou, eu vou para França”. Voltei, fui pensando “Não quero mais”. Cheguei em casa falei para dona Annelise: “Pode comprar minha passagem, eu vou para França”. Fui de noite, cheguei lá na Visconde de Albuquerque e disse: “Olha, só vim dizer para você que essa aliança aí é tua, não quero mais” “Ah, que que foi? Ficou maluca? Aquele apartamento que a gente construiu?” “Não quero mais. Você arrumou filho com outra mulher, então vai casar com ela, não comigo. Não tem casamento”. Peguei a aliança joguei lá dentro do canal da Visconde de Albuquerque. Ele ficou louco, e

reclamou, gritou. Falei: “Acabou”. Quatro dias depois fui para França. Quando voltei tinha um bolo de cartas, telegramas. Peguei aquilo tudo e fiz uma fogueira [risos]. Ah, sofri muito, mas o sofrimento passou. Um dia encontrei ele com a criança na praia. Aquilo ali foi o início de uma perseguição, porque toda vez que eu saía, eu encontrava ele: “Ah, porque eu preciso falar com você...”, falava: “Não vou”. Eu custei, mas depois não sei para onde ele foi, graças a Deus sumiu. E não namorei mais.

P.F. - Que ano foi, que a Sra. ia casar?

N.J. - Ih, meu filho, tem mais de 50 anos... Eu ainda não tinha 30.

P.F. - Início dos anos 60, então...

N.J. - Aí foi que eu me enfiei mesmo nessa coisa de doméstica, de viagem, e acabou.

P.F. - Conta um pouco – a Sra. tem um percurso diferente de outras empregadas porque viajava muito por causa dos patrões da sra. como era essa coisa de viajar, mudava?

N.J. - Não mudava muito não, porque chegava lá eu não conhecia os lugares. O único lugar que eu conheci bem foi o Canadá e lá em Israel. Lá em Israel eles me levaram naqueles pontos religiosos, lá no Sepulcro, onde tem a Igreja de Nossa Senhora de Assunção, nos Muros das Lamentações. Eu ia nesses lugares. Eu continuava com eles lá. Ia naqueles teatros, eu gostava de ir. E ia muito para Sinagoga, acompanhava eles. E aqui no Brasil também, tanto que eu conhecia muita gente. A segunda vez que eu fui para os Estados Unidos, fui indicada por uma Esther Kovolski, uma judia feminista. Ela me indicou para falar sobre trabalho doméstico. Aquela coisa que eu fiquei na alfandega de Miami que a mulher me barrou falando que lá não tinha trabalho doméstico, que lá não tinha empregados. E eu fiquei feliz, porque no dia da apresentação tinha tanta gente, eu perguntei quem era patroa ali. Eu tinha uma interprete, né. Fui falar, era para ser 20 minutos, eu falei 40, e depois fiquei 2 horas e 20 respondendo perguntas. E as perguntas não eram só sobre trabalho doméstico, eram sobre a economia do Brasil, o programa de governo. Só que eu tinha uma assistente social aqui no Brasil, que brigou muito comigo para eu não aceitar mais esses convites, mas depois me ajudava. Ela fez um dossiê para eu levar, porque ela disse: “te garanto que você não vai ser perguntada sobre como trabalha, quanto ganha, se é negro, se é branco, os empregados domésticos no Brasil. Só isso”. E foi o que aconteceu mesmo naquela universidade. Estava um salão imenso, repleto de estudantes, e eu não entendi o que eu tinha ido fazer ali, mas graças a Deus dei conta do recado. Fui ficar 10, fiquei 24 dias, e conheci os Estados Unidos de ponta a ponta, porque todos os dias me levavam em uma cidade. Eu me lembro que estava

descendo ali em Hollywood, deu um vendaval meu Deus, até gente chegar em Miami, eu falei: “ih, o carro vai voar, mas não voou”. E foi um tempo bom.

T.O.- Isso foi na década de 90? Mas e antes?

[FIM DO ARQUIVO I]

P.F.- A Sra. ia contar para a gente agora como se aproximou da Associação.

N.J.- É, já morávamos em Copacabana, e eu costumava descer com o Daniel na Avenida Copacabana⁷ na parte da manhã. Numa dessas caminhadas eu vi um papel “Minha patroa é a mais bonita”. Falei: “Ué, que história é essa?”, e vi que era um programa do Flávio Cavalcanti na televisão, elegendo patroas mais bonitas, junto com a Associação de Empregadas domésticas do Rio de Janeiro. Eu não conhecia, falei: “Vou lá descobrir o que é isso”. Na biblioteca de Copacabana. De noite coloquei o Daniel para dormir e avisei minha patroa que estava indo. Ela disse: “Você já vai se meter com essas mulheres doidas?”. Falei: “Eu também sou uma doida. Vou lá”. Era na Miguel Lemos a Biblioteca. Entrei e perguntei: “O que é isso aqui?”. “Ah, somos da Associação Profissional de Empregas Domésticas”, 1969. Tinha uma delas, Maria da Hora, que já não era mais doméstica, mas estava ali, assessorando as meninas. E a Odete Azevedo Soares, que era assistente social e era a que brigava comigo mais tarde. A Odete Conceição, que era a fundadora, da Organização de Doméstica do Rio de Janeiro, e a atual presidente, que era Espedita não sei das quantas. Eu falei: “Ah, tá”, e me convidaram a casa, que era um quarto menor que essa sala aqui, na Álvaro Ramos. Eu comecei aí. Toda folga que eu tinha, eu ia para lá. Alugaram uma quitinete na rua Ipiranga, lá em Laranjeiras, nessa rua as domésticas que não tinham família aqui no Rio podiam ficar o final de semana lá. Falei: “Opa, tá bom para mim”. Eu fui para lá, e quando cheguei comecei a conversar. Passou 1969, a Odete falou que tinha feito uma carta para o presidente Médici, para ver se dava alguma coisa para as domésticas. As domésticas não tinham horário, não tinham carteira de trabalho, era só trabalhar e não tinha nada. Dezembro de 1970 veio a resposta. Ele não respondeu o que ela perguntou, mas ele deu a lei 5859, a primeira das domésticas. Essa lei dava direito a carteira assinada, férias de 20 dias, direito de pagar a previdência social, e estava bom, todos ficaram feliz na época. 1972,

⁷ Atual Avenida Nossa Senhora de Copacabana.

dezembro, e passou a vigorar a partir de 1973⁸. 1973 me convidaram para entrar na direção.

Falei: “Tá bom, eu vou entrar na direção”, “Não, mas você vai ter que ser a presidenta”.

P.F. - Antes disso vamos pegar mais alguns detalhes. Então tinha um programa com o Flávio Cavalcanti, “A patroa mais bonita”, e foi assim que a Sra. chegou até a Associação? A Sra. nunca tinha ouvido falar antes disso?

N.J. - Isso. Não, eu sabia que tinham grupos de domésticas que se reunião, porque a gente aprendia isso na Sacre Couer de Marie com as irmãs, e que eram grupos oriundos da JOC. Eu fazia parte da JOC na Tijuca, nessa mudança radical perdi o contato e não participei mais.

P.F. - Quando a Sra. se aproximou da Associação, por que a Sra. se atraiu? Por que resolveu ficar?

N.J. - Me convidaram para ver. E quando eles estavam mudando da Álvaro Ramos para a rua Ipiranga, o que me interessou lá é porque eu podia ficar lá sábado e domingo, com outras domésticas que não tinham casa no Rio de Janeiro. Só que quando eu cheguei lá eu comecei a conversar, comecei a falar sobre os direitos que não tínhamos e o pessoal me convidou logo para direção, e para encabeçar uma chapa.

L.A.- Você tinha esse final de semana livre e aí você ficava direto lá?

N.J. - Ficava na Associação, conversando com as colegas que estavam muito insatisfeitas. Elas falavam: “Ah, você é rica, porque você pode fazer isso e aquilo. Você estudou um pouco, a gente não tem tempo nem para isso”. Tinham muitas escolas noturnas abrindo nessa época em Copacabana.

P.F. - Por que elas achavam que a Sra. era rica?

N.J. - Sei lá porque elas achavam. Eu sei que formou a chapa, e lá fui eu. Ganhei. 1973.

P.F. - A Sra. topou participar da chapa por quê?

N.J. - Para dizer a verdade, eu entrei sem saber muito bem o que eu ia fazer ali, só sabia que ia ser presidente. Falei: “Opa, olha lá”. Status, né?

P.F. - Quando a Sra. entrou já existia, mas a Sra. sabe qual era a história da Associação? Como surgiu?

N.J. - 1961, a Odete Conceição trabalhava na rua Leopoldo Miguez, em Copacabana. Trabalhava em um prédio com cinco andares. O último andar era o apartamento dela, um terraço que tinha um quarto. Ali ela fazia bailes, fazia reuniões da JOC, reunia as domésticas.

⁸ No áudio a Nair confunde as datas e diz que a resposta veio em 1970, e depois fala da criação em 1972.

E o que levou a fundar uma Associação? Ela disse que saiu uma vez de uma reunião da Igreja, quase onze horas da noite e encontrou uma empregada com a mala, na porta da Igreja, sem saber para onde ir porque a patroa tinha posto na rua. Ela disse: “Ah, não pode, vamos dar um jeito”. E com a Maria da Penha, com a outra Conceição Caetano e umas outras que eu não recordo mais o nome, se reuniram para criar um grupo de empregadas domésticas. A Odete Azevedo como era assistente social começou a orientá-las e elas fundaram a Associação. Tinha aqui no Rio de Janeiro, na Avenida General Polidoro, um lugar chamado Casa da Empregada. Uma casa imensa. Com auditório, quartos, e dava para fazer um bom trabalho ali.

P.F. - Isso era uma coisa da igreja?

N.J. - Não, era da Igreja, era das domésticas, mas deu o direito das irmãs de caridade de dirigir a casa. E elas dirigiram e passaram para elas. Ou seja, a doméstica não tinha lugar para ficar, mas tinha aquela casa lá. A gente podia ir dormir, fazer festa lá, mas não podia ficar lá. E chamava Casa da Empregada. Até que, em 1973 quando eu fui eleita, alguém falou para mim: “A Sra. tem que brigar agora para gente ter a casa da empregada para gente”. Eu falei: “Eu? Brigar? Só se for com vocês. Sozinha não posso”. Comecei a procurar porque aquela casa tinha nome da empregada e as empregadas não podiam usufruir de todos os benefícios que tinham ali. Até hoje não encontrei uma resposta. Falava: “Odete Azevedo onde está a escritura da casa?”. Foi uma família muito rica que deixou aquela casa para uma empregada. Mas não se concretizou. Ai a Associação ficou pulando de galho em galho. Ficamos na Ipiranga um tempo.

P.F. - Só um minuto rapidinho. Ainda antes da Sra. virar presidente. Esse momento que a Sra. está falando, a igreja tá passando por muita mudança, porque tem ditadura, teologia da libertação chegando - a Sra., na época, tinha ouvido falar dessas coisas?

N.J. - Sim, horrível. Tanto ouvia que o doutor Leônidas, para fazer as reuniões – mas a doméstica era a única que não era incomodada na ditadura nesse ponto, porque eu tive colegas que foram presas. Mas eu podia fazer as reuniões. Eu tinha um fusquinha velho, que me levou a muitos lugares para fazer as reuniões. Mas quando eu fui eleita presidente, no mês seguinte tinha um congresso de domésticas aqui no Rio de Janeiro, em plena Ditadura Militar. 1973, Colégio Assunção, lá em Santa Teresa.

P.F. - Promovido pela Associação ou pela JOC?

N.J. - Pela Associação. E vieram domésticas do Brasil inteiro. E o Jornal do Brasil foi cobrir o trabalho lá. O pessoal colando nas minhas costas para eu não dar entrevistas. Primeiro que eu estava chegando naquele momento, e depois que eu não sabia muito a história do trabalho doméstico, como era. Eu sabia que ele era oriundo da escravidão, sabia que a JOC lutava pela emancipação, mas não sabia porquê aquela demanda. Então uma irmã de caridade de Niterói e a Odete Azevedo não me deixaram dar entrevista. E o Jornal do Brasil queria a entrevista da presidente, então não fizeram nenhuma. Na segunda-feira fizeram um artigo “Congresso de Clausura”, porque a presidente não podia abrir a boca. E aí sim, entrei na luta. Eu digo para as meninas, quando eu descobri que aquela lei de 1973, dava direito a carteira assinada, tinha que ter um salário mínimo escrito na carteira, mas como o FGTS que o Fernando Henrique criou em 2001, era facultativo. O patrão pagava se quisesse. Então depois daquela euforia toda, que a gente não tinha tempo...domingo a Associação enchia tanto de gente querendo se associar para ganhar os direitos, então eu comecei a conversar com as pessoas: “Nós queremos os direitos, mas que direitos são esses que não nos dão completos? A gente tem carteira assinada, patrão tem direito de não pagar um salário que está escrito na carteira, vocês acham que isso é bom? Vocês vão chegar a algum lugar? Porque como eu aprendi que palavras o vento leva, que só vale o que está escrito, então vale o que está escrito. Se você escreveu que quer sua carteira assinada, então você se sujeita a não ganhar salário, então você tem que pensar”. E a gente começou a brigar para que a lei mudasse.

P.F.- Então, eu vou te perguntar mais sobre isso já, já. Mas antes disso a gente vai voltar. Primeiro, em algum momento a Sra. teve a percepção que a polícia ou o DOPS podia estar de olho em vocês?

N.J. - Quando eles me levavam naquelas reuniões escondida, eu achava que era por causa da polícia.

P.F. - Quem te levava?

N.J. - Esse Leônidas, da Caritas e José Fortunato, que hoje deve estar muito mal, se já morreu não sei. Zé Ramos e João Fernandes. Eles levavam a gente para fazer reuniões em lugares que eu não sei onde é até hoje.

P.F. - Essas pessoas eram assessores? Ajudavam vocês, era isso? Advogados?

N.J. - Eram operários da JOC, da construção civil, dos outros sindicatos

P.F. - Então eram de outros sindicatos, que chegavam até vocês através da JOC?

N.J. - É, e através do Tibor Sulik, que era um assessor da Diocese do Rio de Janeiro e trabalhou muito na JOC – eu até pensei que tinha trazido uma foto dele, mas não trouxe – ele tinha muito a orientação sobre a veracidade do trabalho. Os direitos que você quer, como eles vão funcionar? Então ele morava na Ilha do Governador, e nos ajudava muito nisso.

P.F. - Então tinha um grupo de homens e mulheres que assessoravam vocês, e essas pessoas chegavam pela JOC? E elas pertenciam a outros sindicatos?

N.J. - Isso mesmo. Eu estou me lembrando só os da construção civil e dos metalúrgicos. Esses dois estavam muito presentes porque eles estavam muito ali conosco.

P.F. - Além do JOC, e o resto da esquerda, chegavam em vocês?

N.J. - Patroas, tinham algumas patroas que se diziam feministas. Essas patroas feministas chegavam na gente, sim. Elas iam dizer que a emancipação -até que um dia eu disse... deixa eu ver se me lembro da minha palavra... – ela dizia que lutava pela emancipação da mulher, e eu disse para ela: “Enquanto uma mulher, para se ver livre lá fora, tinha que deixar outra mulher fazendo o que ela devia fazer, eu não via jeito de libertação”. Por que como é possível? Eu quero ser livre, mas atrás de mim tem que ficar uma para ser escrava? Então eu não via libertação nisso. Essa não era nem da JOC, era uma feminista.

P.F. - E era provavelmente alguém da esquerda? Dentro de qual grupo, a Sra. lembra?

N.J. - Bem da esquerda. Eu não lembro, não, mas ela era da igreja. Quando eu saí em 1982 da Igreja de Copacabana, em que eu era coordenadora da Pastoral da Doméstica, ela fez um poema linda para mim. Eu pensei que eu tinha trazido e não trouxe. É a Ester.

P.F. - Ah, Ester, a que te levou para os Estados Unidos

N.J. - Me indicou. Isso, para fazer a conferencia lá.

P.F. - Outra pergunta, em 1972, 1973, início dos anos 70, tinha um cantor, Odair José, que era conhecido pelas domésticas...

N.J. - Sim, e eu não gostava dele...

P.F. - Mas as outras domésticas gostavam?

N.J. - Gostavam, gostavam muito dele. Eu achava ele um chavão. Pensava: “Que besteroide é esse aí?”, e não concordava.

P.F. - Tá, mas a base da Sra. adorava?

N.J. - A base... eu era a radical do grupo, porque eu não gostava dele. Eu achava que ele fazia aquilo para ganhar dinheiro às custas das domésticas. Eu dizia: “Olha só, as empregadas não ganham nada, só ele que ganha”. Depois de um tempo eu encontrei ele lá no Largo do

Machado, numa barraquinha, vendendo os discos dele. Falei: “Ah meu Deus, cadê o dinheiro que esse homem ganhou?”. Então a gente...

P.F. - Mas a Sra. lembra dele e que era popular?

N.J. - Isso me lembro tranquilo. Como me lembro da Ângela Maria cantando “mamãe... mamãe...” [risos]

P.F. - Outra coisa nesse momento, por que a Sra. acha que o Médici fez essa lei?

N.J. - Até hoje ninguém entende, porque não foi isso que a menina pediu para ele. A Odete Azevedo e Odete Conceição escreveram uma carta pedindo que não escravizassem tanto as domésticas, que nem eram domésticas eram chamadas na época de empregadas. E elas escreveram pedindo que desse um jeito. Ele não respondeu e editou essa lei. Foi por uma edição provisória, não foi uma coisa discutida, e não foi discutida conosco, não perguntou: “É isso que vocês querem?”. Jogou a lei.

P.F. - E depois que jogou a lei, alguém do governo militar tentou se aproximar de vocês?

N.J. - Não, aqui no Rio não. Em Pernambuco, minha colega foi presa três dias, a Lenira. Porque eles procuravam armas – ela fez um livro “Só quem vive é quem sabe” – eles procuraram na casa da patroa dela, embaixo da cama dela. Não acharam, mas ela ficou três dias presa.

P.F. - Mas não digo nem só procurar para perseguir, mas, mesmo assim, já que eles eram a lei, tentarem procurar como: “Agora vocês devem isso para gente”.

N.J. - Não, não teve isso aqui no Rio. Eu não me lembro. As meninas fizeram entrevistas com as outras, alguém falou sobre isso?

L.A.- Que eu entrevistei não tinha ninguém dessa época...

N.J. - Mas a Odete Conceição você não entrevistou? Falei até com ela essa semana...

P.F. - Eu pergunto porque o governo militar fazia propaganda falando que tinham dado esses direitos para as domésticas, mas não falavam com vocês.

N.J. - Não, em nenhum momento chegou ninguém do governo, ou do Médici para falar alguma coisa. Nada vezes nada. E olha que eu fiquei nessa presidência 1973-1979, 1979 eu fui para vice-presidência, fiquei até 1982. 1982 continuei na vice-presidência fui até 1986, quando voltei a ser presidente, e sai em 1991. Em 1988 a Associação se transformou em Sindicato, eu fui a última presidenta como Associação. Um ano para fazer preparação, fui a primeira presidente eleita até 1993-1994.

L.A.- Posso fazer uma pergunta em relação a questão dos direitos, depois você volta? Você falou que em 1973 saiu a lei e enchia a Associação, certo? Se eu bem entendi, isso não foi o caso em 2015, depois da lei agora não encheu o Sindicato? Esse novo direito não teve o mesmo efeito?

N.J. - Não, agora não. Esse direito atual, que eu digo que fechou a colcha de retalho, pelo contrário. Eu digo, o que enche agora o Sindicato são os patrões, despedindo as empregadas de anos e anos de casa, e recontratando por dois dias na casa. E a orientação da gente é o seguinte: se você trabalhava a tantos anos na mesma casa, e agora você foi despedida para voltar a trabalhar dois dias, você continua com os mesmos direitos que você tinha antigamente. E aí tem que prestar atenção porque dois dias não configura vínculo, então tem que ver isso, mas a orientação a gente é de que não pode isso.

L.A.- E na época vinha patrão também? Nos anos 1970?

N.J. - Muitos. Talvez mais do que agora. Agora eles só chegam com a empregada para dizer que estão desfazendo da empregada porque não está dando. E eu digo assim: “Quando se fechou a colcha de retalho”, porque agora se tem todos os direitos – o que não tem? Só o PIS porque é casa de família não é empresa, mas o resto tem tudo – tem seguro desemprego, tem seguro acidente de trabalho na casa do patrão, tem salário família, tem horas extras, tem fundo de garantia. Tudo o que a empregada não tinha, ela tem hoje só que com esses problemas. Hoje eu estava atendendo em Caxias, chegou uma menina que a patroa mandou embora com um mês antes, para não ter direito ao seguro desemprego. Ela tinha 1 ano e 2 meses, e para ter o seguro desemprego tem que ter 1 ano e 3 meses de trabalho. Então ela tem direito ao FGTS, mas não ao seguro desemprego. É uma faca de dois gumes – dá e toma. Para mim, eu digo assim, eu fico feliz porque eu não tive essas coisas. Quando eu sai, a gente tinha a colcha de retalhos, quando eu parei de trabalhar, já estava na Constituição. Foi o ano que eu mais trabalhei, de 1987 até 1988. 1988 também foi o ano em que fundamos a Confederação Latino Americana e do Caribe de Empregadas Domésticas. Só para você ver, aqui foi o 3º Congresso da Confederação, e na de 1996, a 4ª Conferência da Mulher, que aconteceu na China, eu fui representar a América Latina⁹. Acabou?

P.F. - Então vamos voltar para 1973. Se eu entendi bem, a Sra. não tinha muita experiência, mas apesar disso, a Sra. foi escolhida para ser presidente, por que acha que isso aconteceu?

⁹ A entrevistada trouxe um pôster da Conferência.

N.J. - Acho que era porque eu falava muito.

P.F. - Por causa da sua personalidade?

N.J. - É, acho que porque eu reclamava muito, então eles acharam que eu ia resolver o problema, e eu não resolvi.

P.F. - A Sra. acha que tem a ver com o fato da Sra. ter tido uma experiência como empregada doméstica mais atípica? No sentido da Sra. ter contato com o mundo, então uma pessoa que parecia mais preparada?

N.J. - Eu não sei o que eles acharam, porque ali tinha gente... A Maria da Hora por exemplo era uma menina que estava terminando o científico, trabalhou na Caritas, Banco da Previdência, tinha a Terezinha, tinham outras lá. E foram todas da minha diretoria. Eu digo assim, no Sindicato hoje só não tem da minha direção a Mariana. O resto todas elas, Carly, Lourdes, Josefa, todas foram das minhas direções.

P.F.- Outra coisa, quando a gente não tem muita experiência com política, sempre tem alguém que vem tentar dizer o que a gente tem que fazer. Quem era que fazia isso com a sra. nessa época?

N.J.- Era a Heloneida Studart e Izabel Picalunga, que morreu, mas para mim foi uma professora. Ela falava e tomava conta.

P.F.- Elas eram feministas?

N.J.- Feministas

P.F. - Isso já em 1973?

N.J. - É, a Ângela Borba, essas foram as minhas professoras fora do trabalho doméstico

P.F. - E o que elas te ensinaram?

N.J. - Elas diziam para mim: “Olha, patroa só quer o seu trabalho, cuidado. Mas cuidado também com certos colegas – fulana está ali de olho no seu cargo. E você tem que ser firme, você nunca pode voltar atrás, então pense bem no que você vai dizer, porque vai ficar escrito”.

P.F. - Isso já na primeira gestão?

N.J. - Não, na primeira gestão eu não tinha ninguém.

P.F. - E o seu Leonidas?

N.J. - Ele era amigo da JOC, mas não dava muita conta. O Leonidas, o Tibor, o José Maria Galdeano. Eles, com as mulheres juntos, também não davam muito não porque eles também

eram patrões. Então patrão vai sempre puxar a sardinha para o lado dele. Não vai orientar empregada para se emancipar.

P.F. - Então a Sra. estava na primeira eleição muito só, desse ponto de vista?

N.J. - Exatamente. E eu fui eleita lá na rua Ceará, onde a gente alugou uma casa linda na rua dos Araújo. A gente fazia festas, forrós, mas forrós a gente já fazia na rua Ceará ali na Praça da Bandeira, todo domingo. Tinham umas meninas que tinham uns namorados.

P.F. - Isso que eu ia falar, qual é a desses homens que iam para as festas?

N.J. - Eram nordestinos, muitos. Tanto que um deles, casado com uma menina até hoje, eles moravam lá em Nova Iguaçu, no 32, a Maria José e o Zito. Lá morava a família toda, invadiram o terreno construíram várias casas e estão lá.

P.F. - Mas nessa época então fazia essas festas...

N.J. - Nessa época a gente ia para a Quinta da Boa Vista, porque tinham umas quermesses da prefeitura, e eles eram nossas mulas porque carregavam nossas panelas de canjica, de sopa, feijão tropeiro, e vendia tudo na Quinta da Boa Vista.

P.F. - Para arrecadar fundos para Associação?

N.J. - Para Associação. Porque a gente tinha um grupo de colegas que a gente tinha que dar uma ajuda de custo pelo trabalho delas, porque não eram daqui, não moravam aqui.

P.F. - Tudo na sua primeira gestão?

N.J. - Isso, depois foi na segunda e na terceira.

P.F. - Mas eu estou pegando nessa primeira, porque a Sra. estava aprendendo a fazer política, por isso estou falando dessa...

N.J. - Nessa eu conheci... quem que eu conheci? Ah, eu conheci uns pelegos, que eu esqueci os nomes, mas um é o Paulo Banana, que apesar de ser petista para mim ele era um pelego. O Eloi. eu expulsei ele do sindicato [risos].

P.F. - E os sindicalistas pelegos se aproximavam também?

N.J. - Sim, que só queriam levar vantagem...

P.F. - Quais?

(interditado pelo depoente)

P.F. - Hoje já passou muito tempo, pode falar.

N.J. - Não passou, não. Mas eram pelegos mesmo.

P.F. - Certo...

N.J. - Aí a gente ficou na rua dos Araújo por algum tempo...

P.F. - Se eu entendi bem, a Sra. organizou sua primeira eleição muito em cima dos direitos que o Médici deu. Como era isso no dia a dia, como a Sra. convencia as empregadas?

N.J. - A gente tinha reunião dominical, e a gente enchia muito a Associação.

P.F. - Mas como convencia as empregadas?

N.J. - A gente tinha panfletos. Sabe aquele panfleto que eu conheci na rua? A gente fazia também.

P.F. - Mas muitas não eram analfabetas?

N.J. - Mas provavelmente dava jeito de alguém ler para elas, porque chegavam.

L.A.- Mas quem fazia, quem imprima esses panfletos?

N.J. - A gente tinha alguns amigos de gráfica.

P.F. - A JOC ajudava?

N.J. - Ajudava e esses amigos imprimiam. A diocese do Rio de Janeiro, era a época do Dom Helder Câmara e ele era muito amigo das empregadas domésticas. Ele abria o máximo que ele podia a igreja. Tanto que existia a Pastoral das Domésticas, e eu fui uma das coordenadoras.

P.F. - Nessa mesma época?

N.J. - Nessa mesma época. E aí a gente veio caminhando, e foi assim que a gente fazia. Depois veio o Banco da Previdência... a Fundação Ford? Não essa foi mais para frente. A Sépia, que é uma ONG de pesquisa, eu também faço parte dela e ela ajudou muito mesmo.

P.F. - E como eram as reuniões?

N.J. - Nessas reuniões todo mundo gritava, falava, reclamava, e a gente...

P.F. - Orientava?

N.J. - Orientava. E tinha a secretária, que era muito eficiente e mais instruída do que eu, e ela pontuava tudo ponto a ponto. Eu tinha essa assessoria, das pessoas que podiam me dizer: “Nair Jane, vamos fazer assim...”

P.F. - A Sra. tinha algum advogado?

N.J. - Sim, tínhamos advogados, como hoje, o Sindicato tem três advogados.

P.F. - Mas lá atrás?

N.J. - Tinha, nós tínhamos advogados voluntários. Hoje os Sindicatos não têm como pagar, mas os advogados, aquele ganho que eles têm na Justiça e deveria ser do Sindicato é deles, porque eles não têm salário. Isso é assim no Rio de Janeiro, em Nova Iguaçu, Petrópolis,

Volta Redonda. Niterói eu não sei, porque disseram para mim que lá é sindicato patronal, então não sei, não conheço ainda.

P.F. - Mas naquela época?

N.J. - Naquela época da Associação eles eram voluntários, mas as festas que a gente fazia a gente dava um percentual para os advogados, mas não era um salário fixo. Era uma ajuda de custo, mas que a gente não deixava de dar.

P.F. - E que tipo de reclamação aparecia mais?

N.J. - Dos salários que não eram pagos, férias que não eram respeitadas e das folgas. Isso era do que mais se reclamavam. Ah! E ainda tinha o problema das meninas menores, que trabalhavam nessas casas vindas do interior com a promessa de estudar, e chegavam e só trabalhavam. Nós tínhamos muitas reclamações sobre isso e pedíamos ajuda das pessoas para chegar nessas coisas.

P.F. - E naquela época já tinha reclamação sobre assédio?

N.J. - Ah, isso sempre teve! Patrão passando a mão na empregada, os convidados, os filhos querendo ser iniciados na vida sexual com as empregadas. Isso sempre teve.

P.F. - Mas elas tinham coragem de falar, nas reuniões isso aparecia?

N.J. - Na reunião, se não tivesse homem. Se tivessem homens, você não conseguia ouvir nada. Mas nas reuniões elas se abriam e contavam as histórias.

P.F. - E vocês conseguiam fazer alguma coisa?

N.J. - Aí não, infelizmente não tinha como fazer nada. Eu acho que ainda hoje não tem. Mas hoje a gente já pode fazer denúncias, naquela época não podia.

P.F. - Mas isso aparecia muito?

N.J. - Muito mesmo. E ainda tinha aquela história da patroa dizer: “Ah, mas ela deu confiança!”. Eu usava roupas curtinhas e a minha patroa as vezes dizia para mim: “Acho melhor você botar umas roupas mais cumpridas, porque Seu Fulano está de olho em você”. Eu: “Deixa ele ficar de olho, deixa ele olhar”. Mas acontece e aconteceu muito essas coisas.

L.A.- Nair, vocês tinham algum grupo de apoio? Um espaço para cuidar, para poder falar dessas coisas?

N.J. - Pois é, eram nessas reuniões, quando elas eram mais fechadas. Ai as pessoas realmente se abriam mais, porque quando era grupão não dava para falar muito, não.

P.F. - Mas logo no inicio vocês já entenderam que precisava ter uma reunião mais fechada?

N.J. - Não, lá era o salário e as férias. Com o caminhar dos anos, fomos conhecendo outras pessoas, de outros sindicatos, essas mulheres feministas, um grupo de patroas que queriam ser boazinhas e iam lá orientar a gente – orientar à moda delas, mas iam. Ai a gente começou a ver que isso não pode ser assim, essa legislação tem que mudar.

P.F. - Porque a primeira gestão da Sra. é bem no meio da ditadura. As pessoas não tinham medo de ir para reunião?

N.J. - Não. Não tinham. E por que não tinham? A gente achava que eles não iam mexer com as domésticas, porque se veio uma legislação em plena ditadura militar, a gente achava que estava livre.

P.F.- Então as domésticas podiam se reunir, quando ninguém mais podia?

N.J.- Exatamente, nós nos reuníamos, nós fazíamos caminhada. Essa praia de Botafogo, a gente vinha fazendo caminhada lá da Rua Ipiranga, a gente vinha e ninguém chegava perto da gente para dizer: “Não pode”. E eu dizia assim: “Por que o Leonidas escondia tanto a gente se ninguém vem perto da gente brigar nem falar nada? Ou eles acham a gente tão analfabetas assim? Ou tão tapadas que não vamos fazer nada?”. Eu achava que era assim.

P.F. - Mas não tinha oposição a vocês?

N.J. - Não.

P.F. - Nesse momento não tinha? E entre vocês?

N.J. - Ah, entre nós era aquela coisa: “Fulana sabe muito, fulana quer ser o que não é, é empregada como eu”.

P.F. - Alguma coisa mais como vaidade ou inveja?

N.J. - É, vaidade pessoal. Mas isso existe até hoje.

P.F. - Tá, mas briga política não?

N.J. - Eu acho que não. Ficava aquilo mesmo, naquelas picuinhas bobas.

P.F. - Nesse início, pelo menos?

N.J. - Nesse início e no caminhar também. Porque eu tenho todo esse caminhar de doméstica e as vezes eu digo assim: “Ah meu deus, eu velha assim e as vezes ouço as pessoas dando risadinha, perguntando se eu vou”. Agora que eu não trabalho mais – trabalho sim! Sem ganhar dinheiro. Hoje eu sou trabalhadora sem salário, nem ajuda de custo. Trabalho na Associação de Moradores e Sindicato, sou do Conselho do Idoso, e como eu não pago passagem, ainda tem a desculpa: “Se não paga passagem não precisa de dinheiro”.

P.F. - Dona Nair, eu perguntei sobre o assédio. A questão racial começa a aparecer nesse momento? Aparecia a questão de ser uma maioria negra?

N.J. - Não, pelo contrário. Eu, na época que comecei a ver esse negócio do assédio, eu via que os sujeitos queriam mais as neguinhas. Porque eu não sei até hoje.

P.F. - A Sra. começou a perceber isso nesse momento?

N.J. - É, um da Inglaterra, outro dos Estados Unidos, tentando me cantar na casa do meu padrão. Eu era a mais negra da casa e as meninas diziam assim: “Por que eles ficam andando tanto atrás de você?”, eu dizia: “Pergunta para eles”.

P.F. - Mas e na Associação, a questão de serem negras aparecia ou não?

N.J. - Não aparecia. Agora sim! Agora aparece. Mas naquela época, 1973 até 1979, não aparecia. Ninguém olhava para sua pele.

P.F. - Ou se olhava não falavam...

N.J. - Isso! Se olhavam aquilo passava.

P.F. - Essa não era uma discussão que aparecia nessa época?

N.J. - É, não era um assunto de reunião

P.F. - Mas era um assunto entre vocês?

N.J. - Entre as pessoas a gente as vezes falava: “Ah, olham a gente assim, como se a gente estivesse suja”

P.F. - Experiência de preconceito racial, elas contavam?

N.J. - É, mas não dizia que era preconceito racial não, dizia só que: “Ah, tá com inveja do meu trabalho” ou “Ah, eu faço melhor”.

P.F. - Então não aparecia como uma questão racial?

N.J. - Não, como um fato, que hoje a gente discute mesmo, não é? É como eu digo para todo mundo, olha, eu gosto de discutir mesmo, porque quanto mais eu discuto a minha negritude, mais as pessoas dizem que a racista sou eu, não são eles. Então eu deixo as coisas caminhar. Eu vivi muito – só lá nos EUA me disseram que eu não era negra nem era branca, que eu era desbotada. Eu disse assim “essa cor ainda não existe na minha terra. Existe pardo”. Mas eu não me considero parda, eu me considero negra. Olha meu cabelo! Se eu soltar isso aqui daqui a pouco está...

P.F. - Nair, eu perguntei sobre as formas de mobilização, o que vocês faziam. A Sra. falou que eram principalmente reuniões...

N.J. - E também na igreja. A gente ia e lá a gente falava com todas as meninas que a gente achava que trabalhava em casa de família.

P.F. - Por que na época a maioria das pessoas eram católicas? Ou vocês iam para outras igrejas também?

N.J. - Não, não. Íamos para a católica. Mas ali também tinham colegas que não eram católicas e iam ali, não entravam na igreja. Mas a gente tinha um espaço ali, onde podíamos conversar. Na Igreja de Nossa Senhora de Copacabana nós tínhamos aulas noturnas. Eu era uma das monitoras que ajudava. E tinham muitas e muitas alunas, todas domésticas. A gente não conhecia ali uma colega que não fosse doméstica. Ali na Francisco Otaviano também tinha uma escola que era só doméstica.

P.F. - Se a empregada quisesse participar da Associação como funcionava? Ela se associava?

N.J. - Se associava ou não. Como hoje. Pode participar, mas de preferência ser sócia.

P.F. - E o que era ser sócia? Tinha que pagar?

N.J. - É, como hoje. São duas fotos 3x4, toda documentação, tudo, e a mensalidade é um preço. Hoje, como o Sindicato é 25 reais a inscrição e 20 reais mensais.

P.F. - Naquela época já era alguma coisa assim? Não o valor, mas...

N.J. - Era um real, um cruzeiro, essas coisas. Mas hoje é assim e tem muito mais dificuldade.

Eu lembro que uma vez eu e a Zica, lá da Zona Oeste, colocamos 500 domésticas, em uma quinta-feira, 17 horas na Praça Serzedelo Correia, você não via nada, só via as meninas.

Começou a chegar a imprensa, curiosa porque alguém deve ter telefonado, e perguntou o que nós estávamos fazendo ali. Era época que nós estávamos entrando para trabalhar na

Constituição. Anos 80. 1987 que foi. E hoje a gente não consegue. Hoje o Sindicato deve ter umas mil e pouca sócias, se você marcar uma assembleia aparecem 15, 20, no máximo.

P.F. - Isso que eu ia perguntar. Nessa primeira gestão, a Sra. lembra qual o universo de associadas que vocês tinham? O número?

N.J. - Tinham muitas. Eu lembro que no primeiro ano, 1973, a gente associou mais de mil colegas. De abriu até dezembro.

P.F. - Por causa da lei?

N.J. - Por causa da lei. A gente sabia que a lei tinha sido editada em dezembro de 1972, mas só promulgou dia 8 de abril de 1973.

P.F. - E foi crescendo?

N.J. - Depois teve uma pausa, com a história de que com a assinatura na carteira a patroa não precisava pagar o salário integral, pagava o que quisesse. Então deu um requinte. Ai a gente começou a ir para esses congressos, fazia congresso de doméstica. No de 1968, que a gente foi para Belo Horizonte, que aquele Arnaldo Pietro foi com o braço quebrado, ministro do trabalho, e foi a primeira vez que a gente teve convite para ir à Brasília como representante de categoria. Fui eu do Rio de Janeiro, uma colega do Espírito Santo, de Minas Gerais e uma de Brasília, fomos quatro. E aí fomos de avião, hotel, carro com motorista. 1969 foi a primeira vez.

P.F. - Mas ainda nos anos 1970, tinha alguma região da cidade em que vocês eram mais organizadas? Dá para pensar em uma geografia da organização de vocês?

N.J. - Eu acho que era Tijuca.

P.F. - Mais que a zona sul?

N.J. - Muito mais! Zona sul era difícil, porque todo mundo lá no final de semana ia para casa. Tijuca não. Lá tinha muita gente que vinha de Madureira, de Campo Grande. A gente tinha muita gente.

P.F. - Na Tijuca era mais fácil por quê?

N.J. - Não sei, mas era mais fácil e tinha muita gente.

P.F. - E muitas das associadas moravam em favelas?

N.J. - Não, não moravam muito em favela, não. Moravam mais para zona oeste.

T.O.- E baixada?

N.J. - Baixada como sempre, já naquela época tinha muita gente. Tanto que a gente aqui do Rio começou a ajudar as meninas lá em Nova Iguaçu a formarem uma Associação de Empregadas Domésticas lá. Isso nos anos 1980, 1982, por aí. Quando chegou em 1988 elas fundaram o Sindicato delas antes do Rio de Janeiro. A gente tinha uma colega pernambucana muito espreitada que falava: “Olha, anda rápido antes que elas arranjem outra coisa e fundem uma federação!”. A gente precisa de cinco sindicatos para formar uma federação, já tem cinco, mas eles têm que pertencer a uma central. E nem todos pertencem hoje. O nosso, o do Rio e de Volta Redonda é da CUT, Petrópolis não, acho que é o GP, e Niterói eu não sei o que é. Em todas as reuniões e seminários que fizemos a pouco tempo não apareceu ninguém de Niterói, então estamos acreditando realmente que é patronal.

P.F. - Eu fiz um monte de perguntas para a Sra...

N.J. - Pessoais...

P.F. - Não, pessoais poucas [risos]. Fiz um monte de perguntas sobre as formas de mobilização e organização, mas quando vocês tinham um problema, como vocês tentavam resolver, o que vocês faziam? Como vocês resolviam?

N.J. - A gente tinha uma assistente social que nos assessorava, então ela nos ajudava a resolver os problemas.

P.F. - Me dá um exemplo naquela época? Lá no início, anos 1970.

N.J. - Lá no início não tinha tanto aqueles problemas, não. Ninguém reclamava muito de patrão, não, viu. As reclamações vieram depois.

P.F. - Mas reclamavam de salário e férias?

N.J. - É, mas só, e acabou. E não ia ninguém querer sair do trabalho por causa disso, não. Reclamavam, mas não saiam.

P.F. - Mas como vocês resolviam quando as pessoas iam reclamar de salário e férias?

N.J. - A gente dizia: “Você tem que conversar com a sua patroa”, porque nós não tínhamos como chegar nos patrões. Nós éramos meio isolados lá.

P.F. - E como não tinha negociação coletiva...

N.J. - Continua não tendo negociação coletiva, mas hoje a gente pode falar com patrão de frente, discutir e dizer: “Isso não está certo”.

P.F. - Mas naquela época não?

N.J. - Não.

P.F. - Então vocês recomendavam os associados a conversar, era isso?

N.J. - A conversar. E os patrões que chegavam lá iam para nos ajudar financeiramente. Tinha um grupo de patrões que ajudavam. “Tá faltando o quê? Tem lanche para vocês?”.

P.F. - Mas eles faziam isso por quê? Eram pessoas progressistas, de esquerda?

N.J. - Diziam que era, né. Dizer se era eu não sei.

P.F. - Por que eles faziam então?

N.J. - Porque as empregadas deles que estavam lá dentro e eles iam lá e ajudavam a gente. Mas não era muito, não. Essas ajudas só vieram dessa Odete Azevedo. Ah, não! Tinha uma ajuda da Bélgica.

P.F. - Lá nos anos 1970?

N.J. - É, a Denise, da Bélgica, era professora e ela angariava um dólar por semana entre os alunos – empregadas domésticas lá na Bélgica – e enviava para ajudar. Através da Odete Azevedo Soares, que era amiga dela. Não sei a história, mas sei que era assim. E ela vinha de

três em três anos ao Brasil e se reunia conosco para ver como andava, como estavam as negociações, os esclarecimentos, isso ela vinha.

P.F. - Mas vocês orientavam as empregadas a conversar com os patrões. Se os patrões se recusassem a conversar o que vocês faziam?

N.J. - Não podíamos fazer nada, infelizmente. Mas a gente continuava dizendo: “Tem que bater na tecla, tem que continuar conversando”.

[FIM DO ARQUIVO II]

L.A.- Aí você foi presidente de 1973 a 1979...

N.J. - Depois fui vice, vice de novo e presidente de 1984 a 1993.

L.A.- Eu queria saber do início dos anos 1980, da criação da CUT, do PT, e como é que vocês eram envolvidas ou não nesse movimento.

N.J. - Eu, Josefa, Prazeres, a gente caminhou junto com Lula lá em São Bernardo do Campo na criação do PT. Tinha o Jacó Bittar, tinha muita gente...

L.A.- Mas como é que vocês chegaram até lá? Como vocês souberam o que estava sendo feito, quem levou vocês?

N.J. - Porque a Benedita acompanha os direitos das domésticas desde que ela era vereadora aqui no Rio de Janeiro. Ela sempre esteve junto da Associação, depois do Sindicato, então a gente era indicada para ajudar. E nessas indicações fomos para São Bernardo. Andamos muito lá. Eu me lembro daquele Danúbio Soares com chininho de dedo. E agora hoje olha e não conhece a gente. Aluizio Mercadante é outro. Jacó Bittar, não. Saiu do PT, mas nunca deixou de cumprimentar a gente quando a gente se encontra. Não fala muito, mas continua ali.

L.A.- Mas o grupo de doméstica participou da criação da CUT?

N.J. - Da criação da CUT não. Da criação da CUT fui eu, a Eloisa, a Ana Cleto que já morreu. Tinha uma rejeição grande, dessas patroas burguesas que tinham e as meninas não queriam entrar de jeito nenhum. Mas eu fui, na época eu era presidenta. E a Maria dos Prazeres, que está em Pernambuco hoje, foi uma grande opositora. Trabalhou muito no sindicato, mas foi uma grande opositora. No final a gente conseguiu criar o PT, a CUT e filiar o sindicato na CUT. Eu fui diretora da CUT na segunda gestão.

L.A.- Mas isso depois de 1988?

N.J. - Não, antes, logo na criação da CUT eu fui eleita. Eu, a Zica...

L.A.- Enquanto representante das domésticas?

N.J. - Enquanto representante da categoria de domésticas no estado do Rio de Janeiro.

Porque na época era uma central só, não tinham outras.

L.A.- : Então nesse momento você já estava acompanhando reforma, partido?

T.O.- Bem mais interessada por política?

N.J. - É, aí eu já participava, ia para as reuniões políticas mesmo. A gente se reunia, não só com a CUT, mas com o PTB, o partido do Brizola. Também tive muito contato com ele, e até hoje eles perguntam: “Nair Jane, por que você não vem para cá?”. Eu falo: “Eu fundei um partido, e nele até hoje estou”. Eles dizem: “Mas esse partido está se acabando”, e eu respondo “Não está não, vocês que pensam”. E uma demonstração dessa é a caravana do Lula pelo Nordeste. A gente está vendo que não está. No dia que nós fomos para Madureira eu pensei: “Ah meu Deus, não vai ter ninguém aqui”, estava vazio. Quando o Lula chegou você não via nada da quadra. Estava apinhado, cheio. E assim foi na Bahia, na Paraíba, onde ele está. Eu acho que não acabou, não.

L.A.- Pulando um pouquinho para frente – teve o fim da ditadura, vocês participaram também desses movimentos...

N.J. - Ah, é, das alegrias. Na época das Diretas Já, o Lindberg Farias era da UNE e eu conheço ele desde essa época e a gente vinha para cá. E vinha com toda essa chamada. Heloneida Studart, Angela Borba, Izabel Picalunga, Moema Toscano, Fani Taba, e outras. A gente lutou todo mundo junto. Perdemos semana passada a Moema Toscano. Ela foi uma grande incentivadora das domésticas na emancipação do trabalho da gente.

L.A.- E na época da constituinte...

N.J. - Nessa época eu trabalhava, o Daniel já era grande, e o que eu fiz com a minha patroa: Eu já estava viajando muito, então eu precisava ir para Brasília...

L.A.- Ainda estava naquela mesma casa?

N.J. - Na mesma casa. E eu precisava ir para Brasília, um dia eu sentei e disse para ela: “Olha, eu abduco das minhas férias, mas a hora que eu precisar viajar estou indo”. Um dia ela disse assim: “Você nunca pergunta se pode, você diz ‘eu vou’”. Eu respondi assim: “Ué, o que a gente combinou? Eu também nunca digo para senhora ‘Ah, já faz um ano eu queria tirar férias’”. Porque aí eu comecei a ter convites para viajar para o exterior. E eu ia para o exterior e ia para Brasília. Na época da Constituinte nós ficamos em Brasília, tem uma

reportagem que está eu, Josefa, Creusa, uma menina do Paraná – quando nós enchemos aquela esplanada, os jornais não disseram uma palavra. No dia para entrar ali era uma loucura, mas a gente conseguiu. E o Jair Meneguelli vinha entrando e eu perguntei: “Como está a eleição dos metalúrgicos de São Paulo?”, ai ele veio e me deu um abraço e aquela porção de câmera. No dia seguinte os jornais disseram que tinham 100 domésticas, e nós éramos 4. Mas era assim, uma ficava aqui, outra lá, mas só 4.

L.A.- Com quem vocês iam? Quem dava a possibilidade de ir até Brasília fazer as demandas?

N.J. - A Jaqueline Pitanguy, o dr. Ivo Pitanguy, que também já morreu, e a Leila Linhares, que é uma advogada feminista muito boa. Junto com a Benedita da Silva, a Maria de Lourdes Abadia, que não era da esquerda e a Jandira Feghali, eles proporcionavam todas as nossas idas. Primeiro a gente ia para Brasília de ônibus, de van, que quebrava no meio do caminho. Dormíamos em uns papelões porque não tinha lugar. Depois, com o passar do tempo íamos para casa da Bené, o Paulo Banana arranjava uns hotéis, umas pousadas de 15 reais. Toda semana a gente estava em Brasília. Eu ficava irada quando entrávamos naquele Plenário e estava o Almir Gabriel, que já se foi, e ia votando e quando chegava na pauta das domésticas ele invertia. Tanto que no dia que foi votado os direitos das domésticas, em 1988, nós tínhamos saído 15:45h do Plenário e a Bené com as outras pessoas que eu citei fizeram vaquinha para nós voltarmos e quando voltamos no dia seguinte, quando encontrei as portas abertas perguntei: “Ué, cadê os jamantas?” Porque eu chamava os seguranças de jamantas. Tinha um garotinho que andava atrás da gente. Chegamos no PT, tinha uma menina meio dormindo, meio datilografando uma carta. Perguntei: “Cadê a Bené?”, ela diz: “Viajou”. Ele bate nas minhas costas e pergunta: “O que a sra. está procurando?”, eu falei: “Nós saímos 15:45h do Plenário, e ninguém falou que hoje não tinha sessão”. Ele respondeu para mim: “Ah, moça, a sra. quer o quê?”, eu disse: “Somos domésticas, de todo o Brasil”. E ele: “A sra. não sabe? Os deputados e senadores cochilaram e votou”. Falei: “Que cochilaram e votou?”. “É, todos os direitos das domésticas, tudo que vocês queriam”. Disse “É? Então tá bom. Minha filha, quem tá aí?”, ela: “Ah, o Lula tá dormindo...”, falei: “Então acorda o Lula, porque quero saber o que a gente vai fazer”. Ai lá veio o Lula, meio cochilando, falei: “Olha meu filho, não adianta você estar dormindo, não. Você está aqui na liderança do PT e eu quero saber como é que fica”. Ele falou: “não, já está tudo encaminhado, as passagens de vocês estão aqui”, e já era de avião, não precisava ser de Kombi ou de van. Eu perguntei o rapaz que andava atrás da gente: “Quem é você?”, e era um correspondente do JB. Cheguei

aqui no Rio e ele tinha feito uma reportagem, então o que a gente não viu, ele escreveu. A gente viu que para a constituição as domésticas tinham todos os direitos, mas não falou férias – mais um terço, mas não falou quantos dias. E levamos mais um ano brigando com os advogados, porque eles diziam que eram 20 dias e a gente que eram 30. Conversando com os patrões, nós conseguíamos manter os 30 dias, mas os advogados diziam que legalmente não era assim. Depois que Lula foi eleito presidente, acho que em 2006, a lei 1324 retroagiu as férias para 30 dias, porque até então não estava. De 1993 para cá as férias eram de 30 dias acrescidas de um terço. Com a diferença de que elas começariam no dia que começassem. Se era domingo, feriado, as férias eram 30 dias corridos, o que não tinha antes. Daí para cá a gente ficou pensando – aí veio a Convenção de Genebra, lei 189. Brasil ratificou, mas não botou em prática até hoje.

[FIM DO ARQUIVO III]

L.A.- Nair, em 1988 tem a Constituição e, pela primeira vez, uma série de direitos para as domésticas. Nesse momento, a Associação, que vira Sindicato, sai fortalecida desse processo? Vem mais gente? Tem mais interesse por parte da categoria?

N.J. - Eu acho que não teve mais interesse do que na primeira legislação. O pessoal, apesar de ver que os direitos haviam sido ampliados, com a história das férias não ter uma definição, não dá para dizer que alguém se associou por causa da constituição, não. Mas começaram-se os esclarecimentos, as reuniões para falar como eram os novos direitos. Então eu acho que isso ajudou um pouco. Mas como disse uma menina para mim: “Quando os direitos chegarem, eles vão chegar para Sra., para mim e para todo mundo, então eu não preciso lutar”. A gente ouviu muito isso. Era um grupinho lá no sindicato lutando por 7 milhões de trabalhadoras domésticas no país. E assim foi.

L.A.- Você diria que nesse momento, final dos anos 1980, início de 1990, o grupo de domésticas era mais forte ou mais fraco do que em 1973 quando você foi presidente pela primeira vez?

N.J. - Era mais fraco. Porque eles achavam que já tinham o que queria. E em 2001, quando Fernando Henrique criou o FGTS mas que no final escreveu lá “facultativo”, teve ainda uma chegada maior. Mas não tanto quanto 1973.

L.A.- Ou seja, o grupo era mais forte durante a ditadura, antes de ser sindicato quando tinha menos recursos e menos direitos?

N.J. - Exatamente, do que depois como sindicato.

T.O.- E mais organizado?

N.J. - É, e agora mais organizado nós temos menos condições de fazer valer as leis no seu total. Agora mesmo, eu digo que quando completou a colcha de retalho, porque eu digo que a lei das domésticas é uma colcha de retalho, que todo mundo passou a ter todos os direitos, nós não tivemos ninguém nos sindicatos dizendo assim: “Eu vou me associar”. Porque o pessoal viu que muitas coisas que deram, estão desempregando as domésticas. O pessoal está transformando a categoria informal, em trabalho informal, sem carteira assinada, sem direitos respeitados.

T.O.- As trabalhadoras estão se tornando diaristas de novo...

N.J. - Isso. A única coisa, é que se uma patroa não assina a carteira da empregada, quando ela despede a empregada só perde o seguro desemprego, porque o fundo de garantia o patrão tem que pagar. Mesmo que ele não tenha depositado, ele tem que pagar. O fundo de garantia hoje é um direito garantido sem nenhum problema. Seguro desemprego, só com 1 ano e 3 meses de carteira assinada. E não pode pedir para sair, tem que ser mandado embora. O que as vezes é uma correia, também, porque a pessoa não quer ficar, mas se pedir para sair perde o seguro desemprego. Então é uma coisa que eu digo que oprimiu mais. Com isso, nesse tempo que está aí que não é muito grande, estamos voltando a época de 1888, a escravidão está voltando, a Lei Áurea assinada não está valendo, porque a pressão está grande. A gente tem feito de quatro a cinco homologações segundas-feiras. Eu acho que isso é muito coisa. Um dia desses a Cleide teve que ficar muito tempo no sindicato porque tinha muita homologação. Tinham acho que duas marcadas, o resto era tudo gente chegando. E tinha umas homologações que não tinham briga, não. São amigáveis, conversam: “Tá bom?”, “tá bom”. A colega acha que está certo e você não pode mudar. Isso eu acho que não favoreceu. O que a gente queria, eu digo para elas: “Na minha época eu saía de 15 em 15 dias, hoje vocês saem sexta e voltam segunda, mas eu vejo que vocês estão menos felizes que a gente naquela época”.

T.O.- E você acha que isso se dá por que? Como você disse, apesar da lei 150, os direitos não estão sendo efetivados, e aí a gente vê nos Sindicatos semanalmente essa questão das homologações. Por que isso acontece? Por que os patrões não estão dando conta de tudo aquilo que eles precisam ou por que o trabalho doméstico ainda continua sendo um trabalho desvalorizado, inferiorizado?

N.J. - Está provando isso. Que é um trabalho que para o patrão não tem tanto valor. E as colegas aceitam, o problema é esse. Aceitam naquele momento e depois vão ao sindicato querendo reverter a coisa. E a gente orienta da seguinte maneira: Não tem que assinar papel, porque se você assinar, nós não vamos conseguir, mesmo sendo sindicato, mesmo sendo a direção, mesmo com os três advogados que temos hoje em cada sindicato, ainda assim não pode. Então a gente fala isso para as colegas todas. Todo lugar que eu sou convidada a falar, eu coloco isso. Não pode, não dá, é complicado.

T.O.- Nair, eu queria que você falasse um pouquinho, eu até fiz essa provocação para você um dia no sindicato, mas a conversa foi para outro rumo, sobre a questão geracional. Tem toda essa história de que antes as trabalhadoras chegavam nas casas ainda crianças e hoje a lei proíbe. Mas tem também outras questões. As jovens hoje, das camadas populares, elas têm outras opções. A Creusa falou muito isso no Fazendo Gênero¹⁰, não é? As nossas mulheres negras estão ingressando mais na universidade. Dados mostram para a gente que muitas trabalhadoras já têm mais de 60 anos, algumas ainda trabalhando aos 70. Como você vê essa questão da idade? Você acha que o trabalho doméstico pode acabar?

N.J. - Eu não acho que possa acabar, não. Mas eu acho que essa história de ainda ter empregadas domésticas com essas idades avançadas no trabalho é porque as meninas jovens hoje realmente não querem ser empregadas domésticas. Eu ouço muito isso nos encontros onde eu vou. As meninas preferem vender bala na esquina, vender bijuteria, a trabalhar na casa de patrão. Primeiro para não ter patroa e não ter ninguém para ditar ordens, e segundo porque elas acham muito humilhante, ficar lá dentro daquelas casas e não poder olhar o universo que tem aqui fora. Então eu acho que o problema é esse. Agora, tem muitas senhoras de idade, 70 anos, eu digo, meu deus do céu, como é que essa pessoa produz? Um outro problema são os patrões que quando tem que ajudar, botando uma outra empregada para ajudar, ainda quer tirar do salário da que está ali, porque diz que elas não estão mais dando conta. Então eu acho que isso tudo ajuda para que as pessoas não se interessem. “Ah, eu vou ficar a vida toda aqui e depois o que eu tenho? Um reumatismo, uma bursite, problemas de coluna, e não tenho nada na minha vida”

L.A.- Isso é um problema para o sindicato também, não é? Faz com que não tenha renovação na militância?

¹⁰ Fazendo Gênero é um Seminário Internacional de Estudos sobre a Mulher, que ocorre desde 1994.

N.J. - Eu digo assim essa é uma das razões pelo qual não temos aquele chamarisco de antigamente. Porque se o sindicato não tem como ajudar, aí fica muito difícil.

T.O.- Eu queria fazer uma última pergunta só. No início, quando você fala da sua vivência você fala de uma família que você escolheu em Nova Iguaçu. Você se muda para Nova Iguaçu, passa a atuar no Sindicato de lá, eu queria que você falasse um pouco mais sobre isso.

N.J. - Bom, essa família que eu adotei em Nova Iguaçu e me adotaram, já com 20 e poucos anos, é porque nesse grupo de babás tinham duas meninas que eram dessa família. Uma morreu e a outra está viva. E a gente ficava juntas, e no dia que eu tinha folga elas me levavam lá para casa delas. Um dia eu disse para mãe delas assim assim: “Dona Maria, a sra. Não quer me adotar, não?”, ela disse assim: “Ah minha filha, você já vem para cá sempre”. Falei: “Então é mãe, né? Não vou te chamar mais de dona Maria, vou chamar de mãe”. E assim a gente ficou e foi assim que eu fui para lá. Então aquela família, que eu digo minha família e que eu tenho tataranetos nela hoje. No quintal que eu moro era da bisavó deles, não era da minha bisavó que morreu lá no Maranhão, cercada de todas nós com 123 anos. Ela tinha um quintal de 100x10 metros, com 8 casas. A casa que eu moro era a casa que morava Maria Ondina com o marido, as duas filhas, chegou eu a terceira. Três, né, a Marli, a Marlene e eu. Quando a mãe morreu, a Marli tinha arranjado um sujeito que tinha duas crianças. Um dia eu vou daqui, e eu andava muito de trem, um sol mais um sol, a mãe tinha morrido a pouco tempo, e eu vejo aquela neguinha sentada lá naquele banco de pedra com aquelas criancinhas eu disse: “Ué, parece minha irmã”, fui lá e perguntei: “Ué, o que você tá fazendo aí?”. “Ah, fulano não pagou o aluguel e a dona da casa botou a gente na rua”. Falei: “É? Fica aí”. Atravessei o centro até o outro lado da Dutra, chegando lá o pai estava em casa. Falei: “Pai, encontrei a sua filha lá no jardim com as crianças...”, “Problema é dela”. Falei: “Não, problema é nosso!”. Liguei e falei: “Marlene, eu vou dividir a nossa casa com a Marli”. Ela disse: “Problema é seu porque eu já estou casada, não tenho mais nada a ver, é você e o pai”. Então falei para o pai: “Eu trabalho, ganho bem, vou comprar material pro Sr. fazer um quarto, cozinha, banheiro e área. Eu não quero sala porque eu não venho para casa, então não recebo visitas. Amanhã eu vou mandar o material, mas hoje eu vou voltar lá na estação e trazer a sua filha para cá. Vou dar o meu quarto para ela e como eu não fico aqui, vou voltar para o meu trabalho”. E foi assim que eu fiz. Ela foi com aquelas duas crianças, ele fez minha cozinha, banheiro e um pedacinho que era como se fosse um quarto que eu falei para ele que quando chegasse eu jogava um colchonete e dormia, mas eu nunca fiz isso. Primeiro porque

eu era muito esquisita, depois que ele não era meu pai de verdade e era muito mulherengo, se eu venho para cá vão dizer que eu estou dormindo com ele, não venho. Eu não ia para casa, e ela ficou. Dividi a casa, deixei uma porta aberta que dava para o meu pedaço e era para eles cuidarem dele, que o pai já estava com idade. Só que eles não cuidavam e ainda catavam as coisas dele. Eu ia final de semana, fazia comida para semana toda e deixava congelado. E aí eu descobri que ele tinha uma amante! Só que uma que ele tinha a muitos anos atrás. Hoje por sinal eu gosto muito dela. É, a mãe já morreu, que adianta ficar brigando agora que nem minha irmã? Não minha filha, você lê bíblia? Ela diz que você tem que perdoar, se não, não adianta ler a bíblia. Aí a Marli ficou naquele pedaço que eu dei para ela, essa porta eu fechei há pouco tempo – e eles ficaram com raiva de mim por alguns dias. Agora são os netos e bisnetos, porque a Marli e o marido já morreram, tem o filho e a filha. O filho arrumou uma mulher, tem 5 filhos, uma especial. Agora tem uma neta que bate lá no meu portão: “Vó, tem bala? Tem biscoito?”. Uma coisinha dessas, bem naniquinha. E a menina arranjou um cara que fez uma casa para ela na frente. Tem 8 filhos, 3 netos. A casa que eu moro eu queria trocar com a primeira casa que era da minha tia, lá em cima, irmã da minha mãe, mas os filhos não quiseram. Então a minha casa é a dois, mas até chegar na minha são 3. Quem paga o imposto do quintal sou eu. Agora chegou uma neta, fez um casarão e foi na prefeitura e foi falar para mim: “Tia, eu quero pagar o imposto da minha casa”, falei: “Então em setembro vamos na prefeitura, pega os documentos de todo mundo que na prefeitura a gente autoriza cada um pagar o seu pedaço mesmo sem ser desmembrado. Lembrando que isso aqui era da minha bisavó, não era de vocês não, então preste bem atenção nisso”. Então dois meses pagaram, mês que vem sou eu, mas aí eu já quero ver se a prefeitura passa mesmo. Então essa é a minha família.

T.O.- Essa é sua rede...

N.J. - Essa é minha rede. 23 crianças no quintal. Todo dia eu compro um quilo de bala e deixo na minha casa. Eu fico na minha casa – ela é pequenininha assim então tem um portão com uma grade, eu tenho minha área, meu tanque, uma estante cheia de papel que todo dia eu olho e penso: “Ah meu deus eu tenho que queimar isso” e não queimo nada.

L.A.- Tem papel do sindicato lá?

N.J. - Não, não senhora! [risos]. Tem é livros desses lugares todos que eu viajei, das colegas, mas do sindicato eu deixei no sindicato. Desmancharam a estante que eu tinha do sindicato e fui queimando. Quero nada na minha casa. Aí a Lourdes falou: “Ih, se a Louisa vier aqui ela

vai ficar maluca”. Eu disse: “Não minha filha, ela não vem, porque essa baderna toda é só para mim”. Eu tenho uma sobrinha que diz: “Tia, eu vou ajudar a Sra. arrumar tudo isso aí, mas só que eu vou jogar tudo isso fora”, eu digo: “Então, minha filha, não vem”.

L.A.- Ah, não pode jogar fora mesmo, não. Deixa a gente dar uma olhada lá antes[risos].

Nair, enquanto a gente espera ver seus documentos, vamos pegar algumas fotos? ¹¹

N.J. - Aqui são todas as presidentes do sindicato de empregadas domésticas do Rio de Janeiro. Nazir, Maria de Lourdes, eu e a Benedita, que sempre nos assessorou. Ela ficou duas horas no meu trabalho tentando me convencer a ser candidata a vereadora, e eu não queria.

N.J. - Quando eu fui candidata, em 1996, a vereadora do Rio de Janeiro. Aqui eram todas as candidatas e o Lula junto.

N.J. - Primeira visita oficial à Brasília, 1979¹², como sindicalista. Pentelhando lá os deputados e o Ministro do Trabalho.

N.J. - Na Constituinte. Nós tínhamos feito uma caravana para Brasília, Ulysses Guimarães era o presidente, nós tínhamos levado uma carta e alguém ficou andando atrás de mim falando que Ulysses Guimarães ia pegar a carta, fazer uma bolinha e jogar na cesta. Eu disse: “Olha, eu não sou a líder desse grupo, mas eu vou te responder: ‘se ele jogar na cesta, problema dele. Mas que vou entregar na mão dele, vou!’”. Quem entregou a carta foi a Lenira, a Benedita está aí atrás, ele acabou de ler a carta e apertou a minha mão.

N.J. - Esse jornal é de quando eu era coordenadora da pastoral da doméstica em Copacabana. Aqui o Monsenhor Abílio Ferreira da Nova, que morreu. De 1982 esse jornal.

N.J. - Aqui eram reuniões no Sindicato das Domésticas do Rio de Janeiro, de Nova Iguaçu não tenho nenhuma.

N.J. - Aqui foi minha formatura como cuidadora de idosos, depois que minha patroa morreu.

N.J. - Com o então governador do Rio de Janeiro, Nilo Batista, tinham me convidado para fazer um debate em uma escola a noite. Foi importante.

N.J. - A gente fundou, em 1988, a Confederação Latino-americana e do Caribe, lá em Santa Fé de Bogotá, na Colômbia. Éramos 4 representantes brasileiras. Eu do Rio de Janeiro, uma do Recife, São Paulo e Rio Grande do Sul. Fui eleita, na época, secretária de organização, fiquei 4 anos. A Creusa, que hoje é uma menina famosa, que precedeu a Teresinha de

¹¹ Entrevistada traz uma sequência de 9 fotos, 3 artigos de jornal e 1 folder de Confederação.

¹² A entrevistada diz “sindicalista”, mas em 1979 ainda era Associação.

Campinas, eu levava toda vez que eu ia para Santiago, Colômbia, Argentina, e a Creusa ficou lá.

N.J. - Depois aqui foi um seminário que a gente fez no Paraguai. Aí estava fazendo uma exposição.

N.J. - A última foto foi quando a gente representou o Brasil na China, na 4ª Conferencia Mundial da Mulher em 1995. Eu tenho um banner que eu trouxe que é um girassol lindo, e todo mundo que chega quer aquele girassol e eu digo não e ele ainda está lá.

N.J. - Esse é o folder da Confederação, mas você já filmou não é?

N.J. - Aqui ó, essa foto é de 1987, eu, Creusa, Josefa e uma menina do Paraná, Silvia. A gente ficava lá, naquela Brasília.

[FIM DO DEPOIMENTO]